

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

LEANDRO MADALOSSO WIELECOSSELES

**QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
EDUCAÇÃO FÍSICA UM ESPAÇO DE RELAÇÕES**

FLORIANÓPOLIS

2016

LEANDRO MADALOSSO WIELECCOSSELES

**QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
EDUCAÇÃO FÍSICA UM ESPAÇO DE RELAÇÕES**

Monografia apresentada ao curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola, do CFH Centro de Filosofia e História da UFSC para obtenção do título de Especialista. Orientadora: Prof^a Msc. Julia Mara Pegoraro Silvestrin
Coorientadora: Prof^a Dra. Mareli Eliane Graupe.

FLORIANÓPOLIS

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Wielecrosseles, Leandro Madalosso

Questões de gênero na educação física escolar: educação física um espaço de relações / Leandro Madalosso Wielecrosseles ; orientadora, Julia Mara Pegoraro Silvestrin ; coorientadora, Mareli Eliane Graupe. - Florianópolis, SC, 2016.

60 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Gênero, Diversidade.. 3. Educação Física,. 4. Escolar,. 5. Estereótipos, . 6. Desigualdade.. I. Silvestrin, Julia Mara Pegoraro. II. Graupe, Mareli Eliane . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola. IV. Título.

LEANDRO MADALOSSO WIELECOSSELES

QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EDUCAÇÃO
FÍSICA UM ESPAÇO DE RELAÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

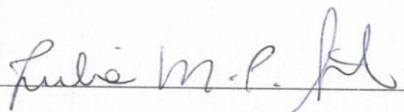


Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Daniel Machado da Conceição



Julia Mara Pegoraro Silvestrin



Gisele De Mozzi

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha amada esposa Liliane Wielecosseles a qual se faz companheira em todas as minhas batalhas. Aos meus antepassados, principalmente e com muito amor e carinho aos meus pais pelos caminhos os quais percorri na construção de quem sou hoje. Aos grandes mestres professores da infância até a idade adulta em especial aos que ministraram este curso de forma inestimável e valorosa e agradeço é claro as minhas orientadoras Prof^ª Msc. Julia Mara Pegoraro Silvestrin e a Prof^ª Dr. Mareli Graupe as quais me instruíram de forma engrandecedora. Registro também um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Surge aqui como um agradecimento mas se destaca como uma forma de repúdio, pois tais órgãos não existem mais, o que impedirá, a curto prazo, a realização de novas edições do Curso, bem como a ampliação de políticas públicas que reflitam e expandam tais temáticas.

RESUMO

A disciplina da Educação Física em ambiente escolar se destaca como possibilitadora de vivências. O presente trabalho tem como objetivo analisar se a educação física escolar contribui ou não na reprodução das desigualdades de gênero existentes socialmente. Em uma pesquisa qualitativa foram entrevistados 5 (cinco) docentes de Educação Física que atuam a pelo menos 4 (quatro) anos em sala de aula com a disciplina sendo 4(quatro) homens e 1(uma) mulher residentes e atuantes na rede pública e privada de ensino da cidade de Lages – SC. Entre os principais resultados obtidos pode-se dizer que, apesar das aulas serem desenvolvidas de forma mista ainda existe muito caminho a ser percorrido até que se chegue a uma Educação Física realmente igualitária. A reprodução de estereótipos é reforçada pela educação Física escolar, onde os professores estão cientes das deficiências em sua formação acadêmica e da necessidade de cursos de qualificação que tratem do tema gênero e sexualidade para que possam realmente sair do senso comum e melhor se embasar para uma abordagem mais inclusiva e igualitária. Concluiu-se também que apesar do esforço por parte de profissionais em se conceituar gênero e sexualidade, as mesmas se encontram enraizadas histórico e culturalmente em amarras familiares, religiosas e sociais que favorecem a perpetuação das desigualdades de gênero dentro e fora do ambiente escolar.

Palavras-chave: Gênero. Educação/Física. Professor. Estereótipos. Desigualdade.

ABSTRACT

The discipline of physical education in a school's environment stands out as an enabler of survival. The present work aims to analyze the school's physical education or not the reproduction of socially existing gender inequalities. In a qualitative research, 5 (five) physical education teachers were interviewed, one person with less than 5 years (five) in the classroom with a discipline, being 4 (four) men and 1 (one) woman residents and active in the public and private sector, in the city of Lages - SC. Among the main results obtained, it is possible to say that, even though the classes are developed in a coed way, there is still a long way to go through to reach the truly egalitarian physical education. The reproduction of stereotypes is reinforced by physical education in schools where teachers are aware of their deficiencies on their academic background and the need for qualification, to broach the theme of gender and sexuality, in order to leave the common sense to a better grounded, more inclusive and egalitarian approach. It is also concluded that despite the efforts made by professionals to conceptualize gender and sexuality, it is rooted in history and culturally in family, religious and social networks that favor a perpetuation of gender inequalities inside and outside the school environment.

KeyWords: Gender. Physical/Education. Teachers. Inequalities. Stereotypes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CONTEXTO DAS RELAÇÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	13
2.1 CONCEITO DE GÊNERO.....	15
2.2 IGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	15
3. SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	20
4. PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA	22
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	22
4.2 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO	23
4.3 REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS.....	23
4.4 SUJEITOS DA AMOSTRA	24
4.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	28
5. GÊNERO E SEXUALIDADE: PERCEPÇÕES DE DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	28
5.1 PERCEPÇÃO DE DOCENTES FRENTE AS PERSPECTIVAS BIOLOGICISTAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	29
5.2 SEXUALIDADE:.....	32
5.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ATIVIDADES SEPARADAS POR SEXO.....	37
5.4 ROFESSOR/A, MEDIADOR/A - COMO DOCENTES MINISTRAM SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO À DIVERSIDADE DE GÊNERO.....	46
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	56
I. TCLE.....	56
II. ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA.....	58

1. INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero se torna cada vez mais tema de debate educacional, demonstrando que uma compreensão maior sobre as relações entre feminino/masculino é necessária para construir uma sociedade mais igualitária. Levando em conta que a escola é parte integrante da sociedade e que a determinando e também é determinada por ela, os diversos fenômenos sociais (e portanto também as desigualdades) encontram lugar ali (VAZ, 1999). Sendo assim as relações de gênero fazem parte do cotidiano escolar em todo seu contexto, seja dentro da sala de aula, dentro da sala de professores, da cozinha ou da secretária, seja no conteúdo escolhido, na forma de dar aula ou nos educandos envolvidos. Desta forma tal estudo busca elucidar professores, estudantes e leitores quanto ao real objetivo da escola como um espaço de inclusão e diversidade a qual deve ser respeitada. Reproduzir estereótipos e desigualdades suprime, discrimina, exclui e agride pessoas de tal forma que suas mazelas podem surtir efeitos para a vida inteira.

Segundo Agripino Luz Junior (2003) gênero assume o sentido de apresentar a construção social e histórica dos sexos, enfatizando-se ao mesmo tempo o caráter social e relacional dessa construção.

De acordo com Joan Scott (2002), a categoria gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Apesar de como visto anteriormente a categoria gênero tratar das diferenças entre os sexos não se restringe somente a diferença entre os sexos opostos, mas como referenciado por Cristina S. Wolff (2015) se tem no uso desta categoria em se tratando da narrativa histórica, “gênero” passou a permitir que pesquisas focalizassem as relações para além das existentes somente entre homens e mulheres, mas sim também as relações entre homens e das relações entre mulheres, analisando como em diferentes momentos do passado, as tensões, os acontecimentos foram produtores do gênero.”

Luciano Corsino (2012) trata as características masculinas para além de serem diferentes das femininas, pois assim foram elaboradas, são mais prestigiosas no que se refere a status, renda e poder nas atividades, comportamentos, práticas, posturas e situações que se referem ao masculino. Desta forma o foi elaborado como característica evidencia-se na verdade como diferenças hierarquizadas que resultam em condições

sociais desiguais para mulheres/meninas bem como pessoas que se apropriam do feminino de múltiplas maneiras como por exemplo as travestis e as transexuais.

Nas salas de aula por muitas vezes são reproduzidos preconceitos baseados em estereótipos pré-estabelecidos seja em sala de aula onde começa pelo “Quadro do Ajudante” onde um ajudante é menino e outra menina, no lado do quadro onde vai o nome do menino é azul e tem uma bola, no lado do quadro que vai o nome da menina que será ajudante é em rosa e tem uma boneca.

Não é novidade no meio profissional e muito menos no meio acadêmico comentários a respeito das diferentes habilidades existentes entre meninos e meninas, quanto aos professores de educação física seria diferente ou não?

Ainda é necessário muitos avanços, muito se precisa evoluir pois profissionais qualificados devem saber lidar com as mais diversas situações que na verdade são frutos históricos reproduzidos socialmente pela família, meios de comunicação e religiões as quais suas constituições refletem diretamente e são reproduzidos em ambiente escolar.

Observa-se que tudo aquilo que definido como atividade “só de menino” ou “só de menina” é construção social, por isso, pode ser mudado, foi construído com o passar do tempo, e se foi construído pode ser desconstruído, desnaturalizados. Tal construção começa cedo no próprio ambiente familiar e é reforçado pela sociedade, pela mídia e principalmente fugindo de seus objetivos pela escola, onde estereótipos pré-determinados limitam vivências e experiências além é claro de reprimir, humilhar e subjugar os envolvidos.

Ao me deparar com esta realidade e frente a diversos questionamentos os quais surgem diariamente em práticas escolares vejo a necessidade de me aprofundar em tal assunto buscando tanto uma nova visão da realidade quanto um trabalho mais efetivo no que diz respeito a diversidade em ambiente escolar com ênfase nas aulas de Educação Física Escolar.

Advindo de uma família patriarcal onde a realidade não fugia em muito de uma visão machista e por vezes preconceituosa. Descendente de imigrantes italianos, poloneses e russos a postura rígida de um regime militar se sobressaia em um ambiente familiar onde o “chefe” da casa serviu ao exército durante trinta anos, transpassando todo o período do regime militar em nosso país a mãe cuidava dos filhos e dos afazeres domésticos.

Tive a possibilidade de conviver com a diversidade desde criança onde estudei em diversos colégios onde alguns eram colégios da rede pública (municipal e estadual) e da rede privada (missões de freiras e colégios de Padres), morando na Amazônia e estudando a beira do Rio Negro em São Gabriel da Cachoeira onde meus colegas eram em sua totalidade Indígenas, seja treinando a capoeira onde a grande maioria de meus Mestres e professores são negros pude conviver de perto e ver a realidade da desigualdade a flor da pele.

Meus amigos “índios” sem os recursos básicos de saneamento básico, higiene e alimentação, meus Mestres da capoeira sem acesso ao estudo e eu fruto deste meio tive a possibilidade de me formar Licenciado em Educação Física, especialista e com Mestrado em Educação sempre buscando desenvolver trabalhos voltados a capoeira e observando as diferenças de valorização onde a sociedade se baseia na cor das pele e em sua postura dentro dos moldes tidos por eles (sociedade) como ideal.

Em fevereiro de 2015 surgiu a possibilidade de me envolver com o GDE, para mim até aquela época machista e cego de minhas deficiências educacionais pude me depara com uma realidade muito diferente da qual conhecia e até mesmo era contrário.

Ao percorrer os estudos junto a grandes professores e colegas notei o quanto isso era invisível para mim e percebi o quanto isso era importante e afetava meus educandos, me deparei com a incoerência onde meu discurso falava de uma escola mista, inclusiva e para todos o que não era realidade, desconstruir preconceitos aprendi, observar o quanto somos reprodutores do meio em que vivemos, agora com um olhar mais aguçado percebo que a realidade é bem mais complexa do que imaginava e acredito estar em constante transformação e libertação frente as mazelas educacionais as quais ainda são resquícios históricos e culturais que fogem da realidade.

Visões moralistas e enraizadas em aspectos históricos e culturais acabam por invisibilizar, calar e excluir através de estereótipos, preconceitos e discriminações os quais oprimem e restringem a livre expressão e manifestação de indivíduos, muitas vezes contrário aquilo em que acreditam ser a verdade ou iludindo e manipulando de forma a serem vítimas de seu próprio preconceito e submissão.

Ainda em ambiente de trabalho ou até mesmo no meio social é possível ver e ouvir frequentemente falas e as quais segregam, estigmatizam e excluem pessoas pela sua cor da pele, pela sua posição social e por questões de gênero.

Em um país onde o ditado popular “Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” ou jargões como “Isto é coisa de menina” são comuns e servem para reforçar desigualdades onde o homem se destaca. Necessário se faz criar possibilidades, vivências e debates sobre estas questões durante as aulas de educação física escolar buscando reflexões a respeito do tema buscando romper e superar barreiras históricas e culturais.

Sendo assim o presente trabalho trata a respeito das desigualdades de gênero existentes no meio escolar com ênfase nas aulas de Educação Física tendo como objetivo analisar quais os conceitos que docentes de Educação Física Escolar têm a respeito de gênero e sexualidade, como percebem e trabalham questões de gênero durante as suas aulas de Educação Física além de destacar se, como e porquê separam ou misturam meninas e meninos em suas aulas buscando demonstrar como as aulas de Educação Física podem reforçar as diferenças hierarquizadas entre o feminino e o masculino existentes em nossa sociedade.

Faz-se necessário desta forma observar qual a visão os professores de educação física escolar têm em se tratar tal tema durante as aulas em questão e analisar se existe um distanciamento entre teoria e prática e quais os obstáculos a serem superados.

Surge aqui a problematização da pesquisa onde sendo gênero uma construção histórica e social, observando vivências e relações estabelecidas defronte as aulas da disciplina de Educação Física, deparando-se com desigualdades, com a reprodução de estereótipos, com a discriminação e com a dominação masculina indaga-se qual o papel da Educação Física Escolar frente as desigualdades de gênero? Esta sim é uma tarefa árdua e cabe aqui a difícil busca por desconstruir na esperança de reconstruir conceitos dado que esta sim é uma tarefa minimamente desafiadora.

Buscando refletir a fim de elucidar essas questões do cotidiano docente da Educação Física propõem-se alguns dos referenciais teóricos utilizados para fundamentar a pesquisa onde se encontram: Helena Altmann e Eustáquia Salvadora de Souza (1999), Brasil (1997; 1998), Luciano Corsino (2012), Duran (1999), Mirian Pilar Grossi (2015), Mareli Eliane Graupe (2015), Agripino Alves Luz Júnior (2003) os quais se destacam nos estudos de gênero no meio educacional e na área da Educação Física Escolar.

Com estes referenciais se constrói a pesquisa onde os capítulos que se seguem buscam dar embasamento teórico sobre os temas em questão. No segundo capítulo

busca-se tratar a respeito do Contexto das Relação de Gênero na Educação Física Escolar bem como alavancar a realidade da Igualdade de Gênero na Educação Física Escolar no terceiro capítulo denominado Sexualidade na Educação Física onde se busca tratar a respeito da conceituação de sexualidade e gênero buscando diferencia-los.

2. CONTEXTO DAS RELAÇÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Qual o papel da escola frente a sociedade? Para tratarmos de tais aspectos necessário se faz reconhecer a escola e seu papel frente a sociedade como de acordo com Tânia Welter (2015) falar sobre educação implica em reconhecer diferenças sócio-históricas das/os sujeitos do mundo escolar no que diz respeito a estilos de vida, preferências estéticas, imagens corporais, expressões, entre outras as quais possibilitam visualizar a escola como uma ambiente que assim como na sociedade, a diversidade é presente.

Desta maneira buscando compreender as relações de Gênero dentro do contexto da Educação Física Escolar surgem questões que são de fundamental importância e merecem ser tratadas com mais atenção, entre elas a visão superficial existente quanto a conceituação de gênero principalmente por parte dos docentes, oriunda de uma falta de investigação, pesquisas e debates mais aprofundados destas questões bem como poucos esclarecimentos sobre o papel da educação física e seus conteúdos frente a reprodução de estereótipos e desigualdades de gênero.

Assim como historicamente as relações de gênero foram usadas para justificar, enfatizar e perpetuar diferenças de forma negativa e não em busca de valorizá-las de forma igualitária em sua riqueza de diversidade, na Educação Física Escolar não se apresenta de forma diferente. Buscando-se compreender, a partir dos estudos de gênero, a trajetória histórica da Educação Física a qual reflete desigualdades que ainda são visíveis na Educação Física escolar, como por exemplo o preconceito e estereótipos referente a seus conteúdos e comportamentos esperados frente a eles.

Marília P. de Carvalho (2016), partindo de algumas informações sobre as diferenças de desempenho escolar entre meninos e meninas no Brasil evidencia que há pouco tempo atrás o acesso à escola era em geral muito baixo e ainda pior para as mulheres. Ao longo dos últimos 40 anos, assistiu-se a uma ampliação muito grande do acesso à escola: as médias nacionais hoje estão em torno de seis anos de escolaridade, mas ao mesmo tempo, ocorreu uma inversão entre os grupos por sexo indicando que as mulheres foram as maiores beneficiadas isto dado a crescente luta de grupos feministas e políticas sociais reflexo destas lutas. Desta forma a igualdade de gênero entre homens e mulheres vem crescendo no que diz respeito ao acesso escolar.

Tratando da Educação Física escolar que se destaca como uma disciplina escolar permeada de vivências e relações sociais a qual historicamente reflete através de vivências práticas os mesmos estereótipos reflexo de uma visão adultocêntrica acaba por contribuir para a perpetuação, o surgimento e elaboração de novos conceitos e atitudes nas relações sociais.

No âmbito da Educação Física brasileira, o tema sugerido vem sendo discutido por alguns pesquisadores desde a década de 80, mas é a partir na década de 90 que este tem despertado maior interesse, e se apresenta como ponto de pauta, isto porque, o processo ensino aprendizagem dessa disciplina passou nos últimos anos a ser desenvolvida na perspectiva de turmas heterogêneas (turmas mistas), muito embora ainda existam práticas com turma homogêneas (turmas separadas por sexo) (LUZ JÚNIOR, 2003, p.27).

Tais estudos surgiram apoiados em diferentes abordagens das Ciências Humanas, Sociais e Biológicas objetivando de acordo com Luciano Corsino e Daneila Auad (2012) denunciar uma Educação Física Escolar baseada em preceitos médicos, militares e esportivos que até aquele momento não possibilitavam uma educação que pudesse oferecer uma aprendizagem significativa contemplando a todos(as) sujeitos.

Ainda nos deparamos com um contexto escolar binário e opressor, onde meninos e meninas são enquadrados em regras, normas e funções sociais rígidas as quais não totalizam a diversidade do universo humano. Em se tratando de valorizar as diferenças não se busca reproduzir desigualdades através da valorização de diferenças, mas sim buscar reconhecer potencialidades dos indivíduos-nas suas diferenças.

Sendo a escola um espaço de diversidade, percebe-se por vezes um trabalho inverso e perverso, onde se reproduz a desigualdade de forma acentuada. A escola por sua vez delimita espaços, institucionaliza comportamentos e incorpora estereótipos legitimando discursos sobre corpos e gênero.

Segundo Mareli Graupe e Souza (2015) as abordagens de gênero estão dispostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais dentro do tema transversal “Orientação Sexual” justificando-se através da necessidade de crianças e jovens refletirem sobre os papéis atribuídos para cada sexo na escola. Relatam ainda que percebe-se nos PCN (BRASIL, 1998) uma preocupação em desconstruir as generalizações acerca de indivíduos e grupos que se portam predominantes, destaca-se assim um grande desafio as políticas públicas em se simplificar a realidade complexa das diferenças sexuais nas funções sociais.

2.1 CONCEITO DE GÊNERO

Dado os estudos realizados com base na fundamentação teórica aqui proporcionada, entende-se por gênero uma construção histórica e social onde o meio é formador e as relações proporcionadas e estabelecidas com o mesmo moldam e interagem com interesses formadores do indivíduo.

Sendo assim as relações estabelecidas no contexto familiar, o meio social e a escola além é claro do fortalecimento e disposição por meio de sistemas educacionais e da mídia são formas construtivas nas quais o(a) indivíduo interage se relaciona e se manifesta como ser participante e ativo em suas relações.

Luciano Corsino (2012) descreve que gênero passa a ser conhecido como uma categoria de análise relacional, que não é sinônimo exclusivamente do estudo sobre mulheres ou sobre a relação entre os sexos sendo que esses elementos estão inclusos em um universo maior onde são resignificadas as instituições e organizações sociais, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações assim como formação dos conceitos de identidade.

Joan Scott (1995) trata das relações de gênero como percepções de “elementos constitutivos das relações sociais, baseadas em diferenças entre os sexos” e “como uma forma primária de significar as relações de poder”.

2.2 IGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Por outro lado nota-se a denominada inclusão perversa onde através deste processo de inclusão de homossexuais, pessoas com deficiência, mulheres entre outros são ainda vítimas da intolerância a qual causa grande impacto para com as diferenças.

Miriam Grossi et al (2015, p.87) comenta que em um processo de exclusão/inclusão social perversa dos/as alunos/as “desviantes” colocando em ênfase que a exclusão deve ser vista como um processo dialético que não exclui somente por negar o acesso mas sim por se ser incluído como desviante por não corresponder como por exemplo nas questões de gênero à norma instituída saudável de orientação sexual.

Luciano Corsino (2012), afirma a necessidade de um olhar mais aprofundado sobre as formas de organização em relação aos(as) alunos(as) nas aulas de Educação

Física, tendo em vista que turmas mistas, por si só, não garantem término das hierarquizações.

É importante salientarmos que apesar das aulas de Educação Física serem mistas na busca da coeducação, sabe-se que somente misturar não significa superar estereótipos e preconceitos referentes as questões de gênero. De acordo com Duran (1999) em busca de entender como se dão as relações de gênero na Educação Física em um modelo coeducativo de escola destaca entre os elementos necessários a mudança de atitude de professores e professoras para valorizar as diferenças.

Corsino e Auad (2012), a respeito de aulas separadas por sexo, relata que os(as) docentes apontam aspectos positivos para as separações, tais como: gasto menor de tempo em conflitos, gasto menor de tempo em relação ao ensino de uma performance maior durante as aula e quanto aos aspectos negativos das aulas separadas, apontam principalmente a falta de integração entre meninos e meninas.

Assim, meninos e meninas não mantêm nítidas as divisões de gênero, estando por vezes separados e noutras juntos, o que, nas aulas de educação física, nem sempre ocorre sem muitos conflitos. (ALTMANN, 1999, p.5)

Para Mirian Pilar Grossi (2015), para que as escolas sejam promotoras da cidadania e transformação social se faz necessário promover práticas educativas voltadas ao acolhimento das diferenças e garantia dos direitos humanos a todas as pessoas que dela participam.

Para tanto, a escola pode e deve ser espaço para reflexões, desnaturalizações, formações, resistência e inovações, apesar de star permeadas por conflitos e contradições, ser recorrentemente espaço para experiências e relações assimétricas estímulo para valores hegemônicos, realização ou convivência com repressões e opressões sobre padrões não hegemônicos, tornando-se palco para inúmeras violências que promovem graves consequências pessoais a estudantes e educadoras(es). (WELTER, 2015, p. 22).

Mareli Graupe e Lúcia Aulete Búrigo de Souza (2015, p.111) declaram a importância de se abordar a temática gênero e educação dado que a instituição escolar de todas as formas, seja através de seu currículo, seja pelo projeto pedagógico plano anual, plano de aula, material pedagógico, linguagens, brincadeiras, ainda é um local

privilegiado para reflexão e discussão sobre a produção e reprodução das desigualdades de gênero.

Neste contexto a Educação Física Escolar se destaca como uma possibilitadora no que diz respeito às vivências e as relações estabelecidas e proporcionadas em todos os anos escolares. Dessas relações surgem questionamentos e complexas relações as quais se apresenta atualmente no âmbito desta disciplina escolar. Ampliando cada vez mais seu campo de discussão no meio acadêmico acompanhados de avanços legais que fundamentam e apontam a necessidade de se abordar práticas pedagógicas que possibilitem relações de equidade de gênero.

Deste modo tratar das relações de gênero numa perspectiva diferenciada na tentativa de um olhar não estereotipado é necessária, observando atentamente as transgressões dos papéis de gênero nos momentos de brincadeira, possibilitando enxergar novas formas de ser menino e de ser menina. Dado que isto vai de encontro a barreiras que vão desde a conceituação até as abordagens metodológica.

Isto implica em afirmar que, muitas vezes diferenças de gênero são tidas como diferenças de sexo. Essas diferenças vistas dessa forma, naturalizam perspectivas para o masculino, e também para o feminino, como exemplo, homens são corajosos e mulheres são frágeis; homens gostam de rua e mulheres gostam de ficar em casa; homens gostam de futebol, mulheres gostam de dança (LUZ JUNIOR, 2003, p. 62).

A realidade da Educação Física e Escolar não fica muito distante onde durante estas aulas práticas é comum escutar “As meninas são mais fracas” “As meninas não sabem jogar”, “Isso não é brincadeira de menina”, “As meninas não deveriam estar aqui”, entre outras atribuições dadas que necessitam frequentemente intervenções pedagógicas por parte do professor.

Padrões diferenciados para meninas e meninos como tipo de roupa a ser usada, cor da vestimenta, a forma de sentar, caminhar, correr ou ainda de se portar, são formas de estereótipos de gênero. Em relação à educação física escolar, a preocupação se redobra pois acredita-se em numerosas e diferentes capacidades fisiológicas existentes entre o sexo masculino e o sexo feminino, diferenças estas as quais segundo professores são evidenciadas durante aulas práticas mas que na realidade nada mais são que estereótipos cultuados socialmente os quais moldam e regem por muitas vezes o planejamento e as aulas de Educação Física Escolar.

Mas como tratar questões de gênero dentro de uma disciplina que através de um viés biologicista naturaliza as diferenças? De acordo com Agripino Luz Júnior (2003) se

torna desafiador encontrar dentro da produção teórica de uma área de conhecimento, como é a Educação Física, construída por um olhar das ciências médicas e da saúde, pesquisas e olhares que se distanciam dos determinismos biológicos, fazendo com que se tenha que buscar dentro e fora desta área específicas produções referentes a gênero.

Partindo do pressuposto onde não é apenas do sexo biológico o predomínio que estabelece diferenças entre homens e mulheres e sim a construção como sujeitos históricos e culturais dentro de aspectos sociais, Luz Júnior (2003) destaca que rompe-se a crença na existência de um suposto determinismo biológico onde homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas suas diferenças corporais e que essas diferenças justificam determinadas desigualdades, atribuem funções sociais e determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo.

Para inserir a Educação Física como um componente curricular que, assim como as outras disciplinas, tem como um de seus objetivos não permitir que a desigualdade seja potencializada durante suas aulas, é necessário refletir sobre as construções do corpo. Este foi, por muito tempo visto pelos profissionais da área como apenas um corpo orgânico, fato que acabou legitimando uma determinada cultura do cotidiano das aulas de Educação Física, pois a forma como o profissional entende o corpo acaba refletindo na forma como as aulas são desenvolvidas (CORSINO 2012, p. 45 apud DAOLIO, 2008, p. 42).

Para Marília P. de Carvalho (2016), deve-se promover essa reflexão no campo educacional, pois, se já eram marcantes em sistemas de avaliação mais formalizados, com testes, atribuição de notas e a organização da escola em séries as hierarquias de gênero parecem tornar-se mais poderosas nas chamadas avaliações de processo, em curso na maioria das escolas brasileiras a partir do sistema de ciclos.

Diferenças devem sim ser observadas a modo de não serem diferenças reforçadas na escola em forma de desigualdades, muito pelo contrário deve sim buscar esclarecer e abordar que as diferenças existem e são muitas o que não se pode fazer é possibilitar que a escola reforce posturas excludentes e preconceituosas.

Diferenças observadas em respeito a diversidade e a riqueza que está diversidade proporciona no que se trata de diferentes conhecimentos, experiência, vivências e relações estabelecidas em diversos meios, diferenças as quais todos as têm e que possibilitam novos olhares com pontos de vista variados os quais aumentam as possibilidades de conhecimento e perspectivas.

Berenice Bento (2016) problematiza os limites das instituições sociais em lidar com os sujeitos que fogem às normas de gênero, nele a autora parece dar atenção especial as formas que a escola tem lidado com questões de gênero em ambiente escolar.

3. SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Buscando uma melhor compreensão neste sentido necessário se faz distinguir gênero e sexo.

Enquanto gênero prima pelo aspecto relacional entre homens e mulheres, analisando a construção social dessa relação, o sexo, enfatiza e indica o aspecto biológico dos indivíduos (LUZ JUNIOR, 2003, p.49).

Partindo de um conceito de sexualidade, onde esta abrange aspectos psicológicos, biológicos, sociais, históricos, culturais e políticos, e os significados que lhe são dados são poderosos na vida dos indivíduos. Nota-se que ainda assim, é muito comum pensar que a sexualidade é somente o resultado de um “impulso” natural, o qual a origem e sentido viriam somente do corpo.

As possibilidades de discutir e de refletir sobre a temática das sexualidades engloba, outras categorias de análise. Ademais das discussões sobre gênero, as questões étnico-raciais, deficiência, gerações, trabalho, relações familiar atravessam e são atravessadas. Somos pessoas socialmente construídas e desempenhamos, concomitantemente, diferentes papéis (GDE, 2015, p. 75).

Graupe e Souza (2015, p.80) tratam a respeito da necessidade de se conhecer as políticas públicas na área dos direitos humanos e educação que contribuem nas discussões sobre gênero e sexualidade no cotidiano escolar.

Neste contexto, a educação em direitos humanos é entendida como uma possibilidade de combate a todas as formas de intolerância, desrespeito, discriminação contra as pessoas e de violação aos direitos humanos. Além disso a educação em direitos humanos deve promover atitudes e comportamentos necessários para que os direitos humanos de todos(as) os(as) integrantes da sociedade sejam respeitados. (GRAUPE; SOUZA, 2015, p.98).

Lanes (2016), busca observar o conceito de sexualidade construído pelas crianças na etapa da educação infantil o qual está intimamente ligado ao gênero. De acordo com o estudo as noções de gênero são construídas transcendendo o limite biológico, com o envolvimento cultural, histórico e social na qual estão inseridas, principalmente no ambiente familiar e escolar.

Desta forma a concepção de sexualidade se dá desde a infância as quais são se limitam a fatores biológicos e sim uma construção histórica e cultural que perpassa o ambiente familiar e escolar.

Dentro deste contexto se faz necessário através de pesquisas analisar quais são as concepções docentes sobre gênero e suas relações frente a disciplina de educação Física Escolar.

4. PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA

Busca-se aqui proporcionar ao leitor uma visão de todos os aspectos os quais englobaram a pesquisa entre eles a caracterização do estudo onde se apresenta a forma que tal estudo foi desenvolvido, o campo de Investigação onde demonstra-se que se realizou pesquisa bibliográfica e as entrevistas, a Realização de Entrevistas onde trata local e forma que as mesmas foram realizadas, o Sujeito da Amostra onde debruça-se sobre quem são as pessoas as quais foram entrevistadas e a Análise de Dados onde é apresentado a forma como foi realizado o estudo sobre as entrevistas realizadas.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Quanto a natureza, a pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem do tipo Descritiva onde se faz necessário analisar a frequência de ocorrência de um fenômeno, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características, sem manipulá-lo, e Exploratória sendo que se objetiva buscar maiores informações sobre o assunto investigado buscando familiarizar-se ou obter nova percepção do fenômeno bem como descobrir novas ideias ou as relações existentes entre os elementos componentes do fenômeno dado ser o tema tão abrangente e seus estudos limitados.

Alguns autores, como Triviños (1987) entendem a pesquisa qualitativa como uma “expressão genérica”. Isto significa, por um lado, que ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns. Esta é uma ideia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo.

Para Triviños (1987, p. 109), os estudos exploratórios:

Permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema. O pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimentos para, em seguida, planejar uma pesquisa descritiva ou do tipo experimental.

A realização de um estudo exploratório descritivo apresenta-se aparentemente simples não eliminando o cuidadoso tratamento científico que todo investigador tem

presente nos trabalhos de pesquisa. Entretanto, entende-se que eles possibilitam apreensão do fenômeno de forma abrangente, o que permite o delineamento posterior de questões de pesquisa a serem estudadas de forma mais específica, o que é uma parte importante da produção de conhecimento científico.

A partir dos apontamentos colocados sobre os tipos de pesquisa, o presente estudo caracteriza-se como qualitativo de caráter exploratório descritivo.

4.2 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Para a presente pesquisa foi realizada pesquisa bibliográfica a cerca das questões de gênero e a Educação Física escolar brasileira bem como entrevista realizada com professores de Educação Física escolar atuantes em escolas da cidade de Lages – Santa Catarina - SC.

4.3 REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, que Triviños (1987, p. 146) entende como:

Aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

A entrevista semiestruturada contaram com questões fechadas e abertas onde sua estrutura possibilita que a partir de um roteiro guia podem surgir novos questionamentos durante a realização das mesmas sendo que as questões abertas permitem respostas mais abrangentes.

Com o propósito de responder o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa, buscou-se coletar dados na forma de entrevistas com profissionais que atuam ministrando aulas de Educação Física escolar. Os locais de coleta de dados foram escolhidos pelos próprios entrevistados, onde em sua maioria optou por ser em sua própria casa, ambas na cidade de Lages - SC região serrana do Estado de Santa

Catarina. Em todos os casos houve uma ótima recepção do tema em questão (Desigualdade de Gênero na Educação Física Escolar” por parte dos(as) entrevistados(as).

Foram realizadas gravação de áudio com câmera digital e aparelho celular.

As entrevistas foram realizadas de forma individual com os 5 professores de Educação Física com mais de 4 anos de atuação em sala de aula onde posteriormente a entrevista por gravação foi transcrita posteriormente.

As entrevistas aconteceram durante o mês de outubro do ano de 2016. Os roteiros das entrevistas estão em anexo (APÊNDICE II)

Além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi tomado todo o cuidado necessário para preservar o anonimato dos sujeitos da pesquisa bem como o sigilo das informações prestadas pelos mesmos. Os arquivos de áudio e os textos transcritos dos mesmos foram armazenados pelo autor da pesquisa em seu computador pessoal e acessados somente pelo autor onde a própria tutora não teve acesso a identificação dos sujeitos sendo utilizados somente com finalidade científica.

4.4 SUJEITOS DA AMOSTRA

Foram entrevistados 5 (cinco) professores de educação física da cidade de Lages – SC Brasil, que já atuem a pelo menos 5 (cinco) anos como professores de educação física escolar. Participaram desta pesquisa quatro homens e uma mulher, sendo eles atuantes nas mais diferentes redes de ensino, sejam elas municipal, estadual e privada da cidade de Lages – SC da região serrana do Estado de Santa Catarina, com idades que variam entre 27 e 45 anos.

Com objetivo de garantir o anonimato dos(as) participantes da pesquisa foram respeitados os preceitos éticos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que trata sobre a pesquisa com seres humanos. Partindo desse aspecto, e em busca de preservar a identidade dos(as) participantes, estes(as) serão identificadas(os) nesse estudo com as insígnias: “E1”, “E2”, “E3”, “E4” e “E5”. Seguindo a mesma ordem de pensamento, a pesquisadora será descrita nos diálogos apresentados com a insígnia “P1”.

De forma geral os professores de Educação Física escolar aceitaram participar da entrevista mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. (TCLE) (APÊNDICE 1). Quanto aos dados referentes a estes professores temos:

1. E (1) Professor com 45 anos de idade com Licenciatura Plena em Educação Física e Pós Graduado com especialização em Engenharia de Softwer atuante a 22 anos na Educação Física escolar.

2. E (2) Professora com 27 anos de idade com Licenciatura em Educação Física com Pós Graduação em Pillates atuante a 4 anos na Educação Física escolar.

3. E (3) Professor com 45 anos de idade com Licenciatura Plena em Educação Física Pós Graduado em Informática Educativa e com Mestrado em Ciências da Computação Engenharia do Conhecimento atuante a 25 anos na Educação Física escolar

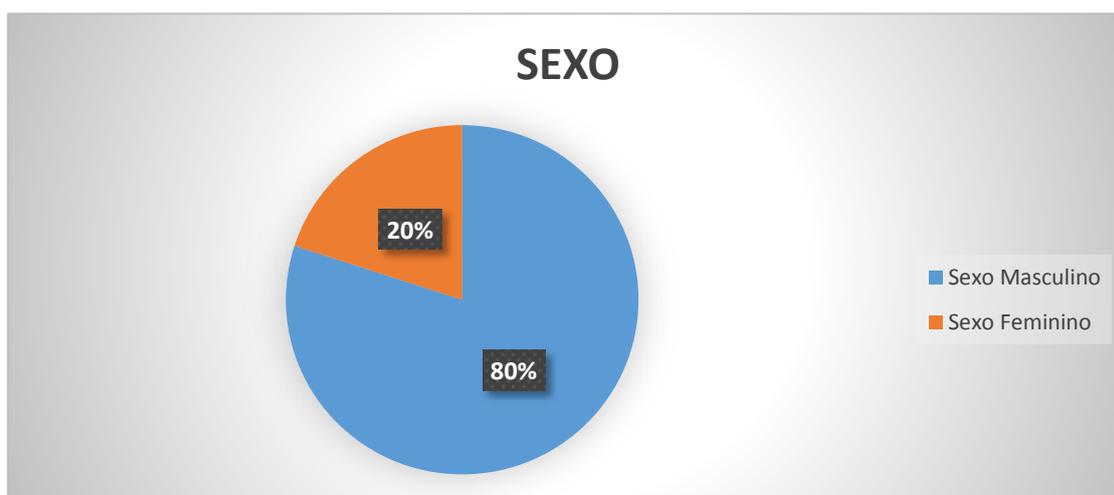
4. E (4) Professor com 30 anos de idade com Licenciatura em Educação Física e mestrado em Educação atuante a 5 anos na Educação Física escolar.

5. E (5) Professor com 37 anos de idade com Licenciatura em Educação Física e Pós Graduado em Diversidade Escolar atuante a 9 anos na Educação Física escolar.

Buscando uma melhor compreensão e visualização do público entrevistado bem como para uma melhor comparação em porcentagem foram elaborados gráficos os quais são apresentados a seguir.

Entre os aspectos relacionados o gráfico inicial demonstra o percentual quanto ao quesito sexo dos entrevistados onde 80% sexo masculino e 20% sexo feminino. O gráfico a seguir demonstra o sexo dos entrevistados.

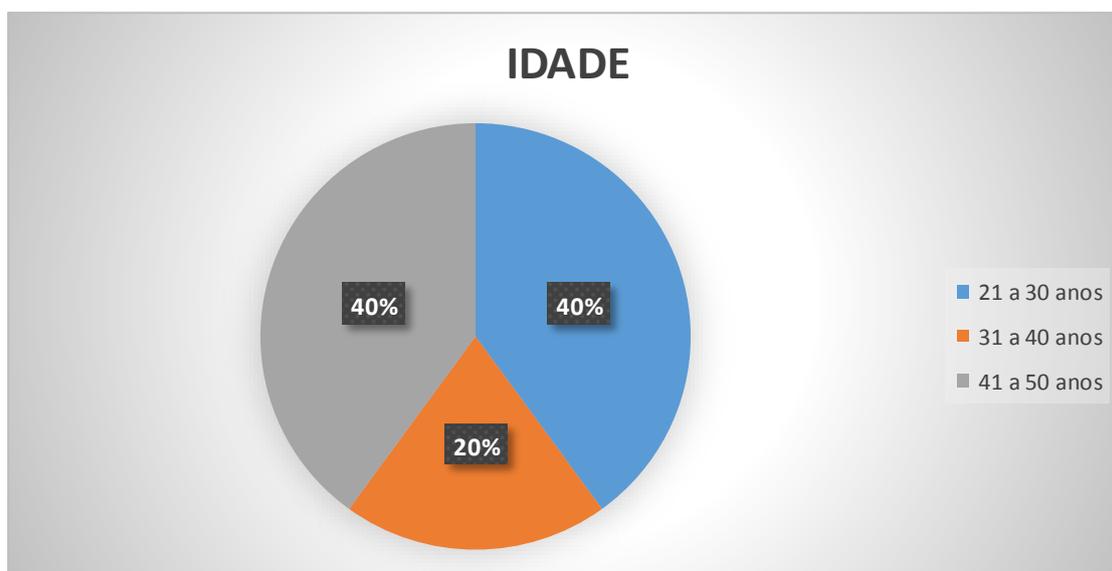
Gráfico 1. Sexo dos colaboradores entrevistados.



Fonte: Gráfico elaborado pelo pesquisador.

Em se tratando do quesito idade, 40% apresentaram idade(s) entre 21 (vinte e um) e 30 (trinta) anos, 20% apresentara idade(s) entre 31 (trinta e um) e 40 (quarenta) anos e 40% idade(s) entre 41 (quarenta e um) e 50 (cinquenta) anos. O gráfico a seguir demonstra a idade dos(as) entrevistados(as).

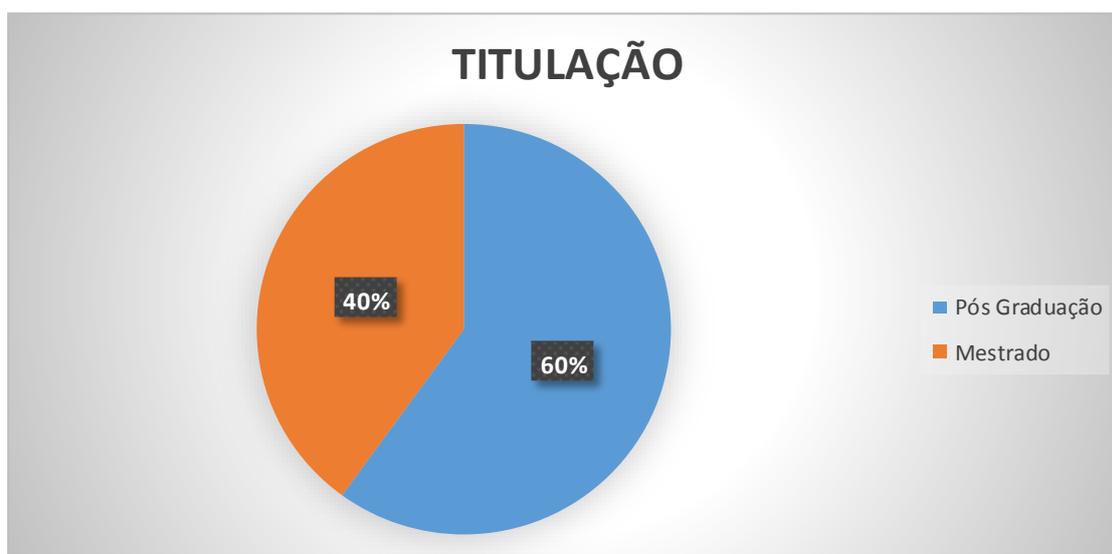
Gráfico 2. Faixa-etária dos(as) colaboradores(as) entrevistados(as).



Fonte: Gráfico elaborado pelo pesquisador.

Quanto ao nível de titulação todos os entrevistados (100%) possuíam nível de licenciatura em Educação Física, 80% deles Pós Graduação e 40% Mestrado. Apesar da grande maioria apresentar títulos a nível de strictu senso, somente 40% dos entrevistados apresentaram a titulação voltada para a área escolar, sendo uma Pós Graduação em Diversidade e um Mestrado em Educação, as demais titulações tanto quanto a nível de pós graduação quanto a nível de Mestrado apresentaram áreas variadas entre elas Pós Graduação em Pillates, Pós Graduação em Engenharia de Softwer, Especialização em Informática Educativa, Mestrado em Ciências da Computação Engenharia do Conhecimento. O gráfico a seguir demonstra a titulação (escolaridade) dos(as) entrevistados(as).

Gráfico 3. Titulação dos(as) colaboradores(as) entrevistados(as).



Fonte: Gráfico elaborado pelo pesquisador.

O ano de término da graduação bem como o tempo de atuação profissional foram questionamentos tidos como de fundamental importância para relacionarmos a primeira fase da entrevista e nele foi possível constatar que 40% concluíram a graduação antes dos anos de 1991 até 2001 e 60% deles entre os anos de 2001 e 2011.

Quanto ao tempo de atuação 60% atuam a menos de 10 anos e 20% atuam a menos de 20 anos e 20% atuam a menos de 30 anos. O gráfico a seguir demonstra o Tempo de Atuação dos(as) entrevistados(as).

Gráfico 4. Tempo de Atuação dos(as) colaboradores(as) entrevistados(as).



Fonte: Gráfico elaborado pelo pesquisador.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

Durante todo o processo da pesquisa foi realizada a análise de dados através de reflexões e estudos sobre as entrevistas bem como em relação aos referenciais teóricos aqui utilizados para a fundamentação.

Buscando uma melhor compreensão e aprofundamento das ideias principais, organiza-se aqui o conteúdo das falas em unidades de análise, e ou categorias nas quais se busca a compreensão dos objetivos propostos.

O desenvolvimento implicou na montagem de um quadro no qual se apresenta as passagens tidas como mais significativas. Os significados encontrados na análise dos dados levantados a cada instrumento, observações e entrevistas eram constantemente revisados, na perspectiva de atrelar de forma significativa os enunciados dos sujeitos (falas e expressões) e o quadro teórico significativo para essas unidades, como orienta Minayo (2006).

A análise dos dados configurados nas entrevistas estão presentes nos capítulos a seguir onde no decorrer das entrevistas e posteriormente em sua análise se pode notar uma certa quantidade de paradoxos entre eles inclusão/exclusão, igualdade/desigualdade, possibilidade/restrição, oportunidade/falta de oportunidade entre outros. Devido a riqueza de dados e a extensão das respostas dadas as entrevistas, optou-se por dividir a análise dos dados em dois títulos seguidos de subtítulos.

5. GÊNERO E SEXUALIDADE: PERCEPÇÕES DE DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Este capítulo é composto pela análise das entrevistas que foram realizadas com docentes de Educação Física Escolar, entrevista essa que buscou investigar as percepções as quais estas professoras têm a respeito de conceitos, relações e vivências de gênero experienciadas, disponibilizadas e propostas em ambiente escolar principalmente no que diz respeito às aulas da disciplina de Educação Física Escolar.

Tal entrevista buscou levantar quais são os conteúdos que esses profissionais trabalham em suas aulas? Como são as relações de gênero? As aulas são mistas? Qual a percepção de profissionais quanto a divisão, seleção ou separação por sexo nas aulas de

Educação Física e ambiente escolar? Se existe proposta de atividades distintas para cada sexo? Existe uma preferência por parte dos meninos ou meninas por modalidades específicas? Qual o conceito de gênero e sexualidade por parte destes profissionais? São questionados por seus alunos e alunas ou percebem questões relacionadas a sexualidade? Existe desigualdade de gênero ou dominância de um sexo sobre outro dentro e fora das aulas de Educação Física em ambiente escolar? Se existe, como profissionais lidam com essas desigualdades de gênero neste contexto? Quais os obstáculos existentes para que haja equidade entre meninos e meninas na educação física escolar?

Tais questionamentos buscam dar subsídios para discussão baseada no referencial teórico e em sua fundamentação proposta buscando dialogar com estudiosas e estudiosos que investigam as questões de gênero de forma a buscar embasamento para possíveis mudanças no que diz respeito a tabus existentes em nossa sociedade e se estes são ou não reforçados e reproduzidos em ambiente escolar ainda mais no que diz respeito a disciplina de Educação Física Escolar.

5.1 PERCEPÇÃO DE DOCENTES FRENTE AS PERSPECTIVAS BIOLOGICISTAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Com a finalidade de conhecer alguns aspectos referentes a relações de gênero nas aulas de educação física surge aqui a necessidade de se analisar alguns dos quais se parecem mais se destacar, entre eles a compreensão e o conhecimento por parte dos docentes em relação as perspectivas biologicistas bem como das relações vivenciadas, experienciadas e mediadas pelos mesmos dentro e fora da Educação Física Escolar.

Agripino Luz Junior (2003) comenta que como instâncias de análise nas ciências da saúde, e nesse contexto a Educação Física, cujas vertentes epistemológicas e teóricas ligaram-se historicamente ao pensamento biológico e não sociais, acredito que apesar de alguns avanços, esses conceitos vinculados às ciências humanas e sociais, ainda necessitam ter mais espaço na área.

Segundo Márcia Buss Simão (2013),

Dentre as dicotomias herdadas, sobretudo do campo das ciências naturais, que são constantemente atualizadas pelo senso comum, destaca-se a concepção que costuma associar e vincular o gênero feminino com arte, linguagens, fragilidade e sentimentos/emoções e o

gênero masculino com virilidade, força, cognição/racionalidade (SIMÃO 2013, p.12).

Buscando nos entrevistados sua compreensão sobre gênero nota-se na fala da maioria uma visão reducionista onde se sobressam aspectos biologicistas, onde se restringem a fatores físicos, porém sabe-se que gênero é relacionado aos aspectos históricos e culturais vinculados aos aspectos relacionais entre homens e mulheres, onde “sexo” se restringe aos fatores biológicos. Não esquecendo que o discurso da biologia também é fruto do seu tempo, não sendo portanto a-histórica e imutável. Segue algumas falas que ilustram a percepção docente:

E(3) “A concepção que eu tenho de gênero é a diferenças sexuais homem e mulher.” (5) “Gênero é uma denominação que se dá a separação de homem e mulher”.

E (4) “Gênero esta distinção, essa separação, essa classificação né entre os sexos uma separação por gêneros essa questão é mais pela questão do sexo mesmo.”

Para Helena Altmann e Eustáquia S. de Souza (1999) estando a ideia de gênero fundamentada nas diferenças biológicas entre os sexos, aponta-se um caráter implicitamente relacional do feminino e do masculino. Desta forma gênero é uma categoria relacional, dependendo diretamente do outro sexo independente de sua presença ou ausência. Relaciona-se desta forma também com outras categorias, pois não somos vistos(as) de acordo apenas com nosso sexo ou com o que a cultura fez dele mas classifica-se de acordo com a idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre muitas outras. Ocorrendo nos mais variados espaços sociais, incluindo a escola e as aulas de educação física, sejam elas mistas ou não.

Apesar de se notar um certo esforço dos profissionais em se expressar de forma mais abrangente em sua definição de gênero sente-se uma certa dificuldade em se expressar, e quando o fazem aparentemente não conseguem se desvincular de aspectos culturais construídos no decorrer do tempo. A definição de gênero para além de fatores biológicos quando ocorre, profissionais entrevistados relatam não perceber a relevância quanto a suas aulas de Educação Física Escolar: E(1) *Eu entendo por gênero a questão do indivíduo na sua sexualidade para uma definição de grupo de classificação mas não necessariamente uma fator limitante na pratica do esporte na Educação Física.*”

Talvez pela falta de acesso a formação adequada que venha a tratar de tais aspectos, mesmo assim nota-se certo esforço para se desvincular dos aspectos biológicos quanto a esta compreensão. E(3) “*Se for falar a questão de respeito a*

diversidade acho q ai entraria vários outras classificações que a gente tem hoje.” E por fim “E(2) É a sexualidade.”

Apesar da existência de recentes produções no meio acadêmico mesmo na Educação Física Escolar, as dúvidas em conceituar gênero de sexo biológico ainda é um caminho a ser percorrido pelo profissional de Educação Física. Uma dúvida a qual o profissional parece estar ciente de sua carência e da necessidade de tal formação frente ao contexto escolar.

Incorporar uma identidade de gênero masculina ou feminina – refere-se à experiência de sentir-se homem ou mulher, independente do sexo biológico atribuído no nascimento. Isso inclui um sentido pessoal do corpo e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e gestualidade.

Uma pessoa pode ter a mesma identidade de gênero de seu nascimento ou diferente, Identidade de gênero de uma pessoa pode ser a mesma ou diferente de seu sexo do nascimento. A identidade de gênero é fundamentalmente diferente da orientação sexual de uma pessoa. Está relacionado a suas experiências do sexo, é o sentido de ser homem, mulher, ser os dois, ser nenhum dos dois.

Sendo assim é difícil se pensar em corpo universal, deve-se desta forma compreender que existem sim corpos carregados por vivências e experiências específicas de raça, gênero, classe e geração, em determinados contextos sociais e históricos. Proporcionalmente partindo do pressuposto de um possível contato entre sexo do corpo, a identidade de gênero e a orientação sexual. Destaca-se que a relação entre esses aspectos é uma construção social, pois não tem qualquer base natural.

Luciano Corsino e Daniela Auad (2012) apud Jocimar Daolio (2008) referem-se a Educação Física como um componente curricular que como as outras disciplinas tem em seus objetivos não permitir que a desigualdade seja potencializada durante as aulas. Sendo assim necessário se faz refletir sobre a construção do corpo, onde por muito tempo este foi visto pelos profissionais da área como um corpo orgânico, fato que acabou legitimando uma determinada cultura no cotidiano das aulas de Educação Física, pois a forma como o profissional entende o corpo acaba refletindo na forma que suas aulas são desenvolvidas.

Alguns professores relataram não notar tais desigualdades nas séries iniciais do ensino fundamental onde nos espaços de lazer, fora das aulas da disciplina, onde parecem interagir de forma mais harmônica durante o recreio e nas horas de lazer em

espaço escolar E(4) *“Desigualdade gênero não, nesses momentos distintos, a hora do recreio, na hora que à uma convivência maior entre as diferentes idades faixas etária eu penso que não acho que todos tem, podem ter uma situação assim de igualdade.”* E(2) *“Eu não vejo desigualdade, não consigo perceber esta desigualdade nas escolas em que trabalhei.”*

Entretanto, tais desigualdades acabam for reforçar estereótipos como: “o menino pratica esporte e a menina não”, “o menino joga bola a menina não”, “o menino é competitivo, a menina não”, e embora não notem desigualdades entre meninos e meninas, em outros momentos afirmam perceber a preferência de cada sexo por práticas diferenciadas, bem como diferenças hierarquizadas na ocupação do espaço, o que pode vir a evidenciar possibilidades desiguais de acesso a essas práticas e espaços. Esse assunto será abordado mais a frente, no subcapítulo 5.3, Educação física atividades separadas por sexo.

5.2 SEXUALIDADE:

Nesta investigação sobre a visão destes profissionais frente a pergunta sobre o que se entende por sexualidade foi possível perceber que geralmente os profissionais da Educação Física entrevistados relacionam a mesma com uma questão hormonal que vai se desenvolvendo com o passar do tempo independente da escolha do indivíduo encontrando dificuldades para se romper a barreira biologicista e sem compreender que o discurso da biologia também é um construto social, mutável.

E(1) *“Eu entendo por sexualidade a questão de desenvolvimento do indivíduo na sua maturidade dos aspectos relacionados a sexualidade do indivíduo a questão hormonal, a questão da mudança, do interesse pelo sexo oposto ou interesse por pessoas do mesmo sexo”.* E(2) *“Não seria a escolha da criança mas é... o sexo dela”.* E(5) *“Vejo assim sexualidade como uma questão natural da vida porém talvez não esteja caminhando no sentido como caminhou a alguns tempos talvez esteja mais a florada, vejo isso.”* E (4) *“Sexualidade eu vejo como alguma situação que fica mais a florado fica mais acentuado alguma discussão alguma situação algum momento em que eles começam a chamarem a própria atenção e a atenção assim dos pares, dos outros para assuntos relacionados a isso”.*

Ao se deparar com questionamentos sobre a percepção relacionadas a sexualidade dentro do contexto escolar, e ao buscar reconhecer situações as quais são possíveis problematizadoras, nota-se por parte das professoras um certo vínculo entre sexualidade em ambiente escolar e atos físicos (beijar, ficar, se agarrar...) onde relata-se ainda: E(1) *São os primeiros namoros, os primeiros fíccantes que eles ficam que eles buscam essas relações na escola o primeiro namoro a primeira emoção do beijo*” E(1) *“Se percebe que nos anos finais a sexualidade ela interfere sim principalmente das meninas que se tornam m pouco mais vaidosa já não querem mais tanta pratica corporal como uma menina do 6º ano então isso interfere um pouco de forma negativa na participação e no rendimento da participação feminina nas aulas.”*

E (2) *“Em outros anos com os maiores já percebi do 6º do 5º ano em diante eles já têm, a gente já percebe q eles têm a sexualidade bem aflorada que elas se insinuam, que elas têm interesse, que elas têm curiosidade.”*

E(3) *“A fase de namoro, a fase de se conhecer de maneira negativa a gente percebe que muitas adolescentes meninas e muitos adolescente meninos iniciam na vida sexual muito cedo, dizo tem menina lá que com 11, 12 anos acho que já esta mais experiente do que o professor que vos fala”*

E(3) *“Desde a questão de mudança de, crescimento, do desenvolvimento físico, a questão estatura peso de desenvolvimento dos órgãos sexuais na menina crescimento do seios e a questão da possibilidade de ter filhos chega uma certa faixa etária que essa diferença fica pronunciada é uma coisa natural né que procura entre seus pares.”*

Quando o aluno busca informações referentes a sexualidade junto ao professor, alguns professores se dizem desestruturados, carentes de formação adequada para tratar de tais assuntos, cientes em sua maioria da importância de tais abordagens na escola, se forma tímida e ou mesmo “espalhafatosa” questionamentos, indagações e curiosidades parecem aflorar durante as aulas.

Os entrevistados relatam em sua maioria que os alunos não perguntam diretamente a eles sobre temas relacionados a sexualidade, mas que é comum surgir durante as aulas situações as quais o tema se evidencia através de piadas, cochichos, conversas ou expressões corporais.

E(3) Comenta que *“Perguntar sobre alguma questão diretamente não, as vezes a gente têm na aula ou na sala algum cochicho, algum bochicho alguém fala, a gente*

pega uma ponte começa a conversar daí a gente percebe que eles tem muito interesse o q é característico dessa fase”

E(4) *“São apenas alguns momentos específicos ou o assunto acaba surgindo quando acontece alguma situação que pode ser considerada assim um pouco anormal né pra rotina da escola ou alguma coisa assim gera alguma situação difícil para alguém de se conversa.”*

E(5) *“Quando se fala alguma coisa relacionada a isso se seria brincando, talvez testando para ver o que que acontece né qual que é a resposta e tal vê se tem alguma dúvida e eles não tem coragem de chegar claramente e te perguntar então eles brincam entre eles, eles te olham e falam a respeito disso mas mais eu vejo mais na brincadeira do que uma questão mesmo de querer uma seriedade naquilo assim.”*

Tais carência por vezes ocultam e não fazem com que seja percebido o quanto as questões de gênero são relevantes dentro de tal contexto na busca pela minimização das desigualdades. Desta forma segue relato de professores que em algum momento disseram não ser abordados pelos alunos para tratar de tais assuntos bem como não perceber situações de desigualdade de gênero e também não ver relevância em se tratar gênero na escola pois questões de sexualidade não interferem em suas aulas. É claro que em outros momentos os mesmos profissionais se contradisseram e relataram de diferentes formas sobre a importância e a necessidade de se tratar tais relações.

E(1) *“Hoje nós vivemos a questão da inclusão e a questão do gênero ela não é importante na relação da sexualidade nas práticas da Educação Física, não vejo isso como um problema que interfira no desempenho do aluno”* E(2) *“Eu não vejo desigualdade, não consigo perceber essa desigualdade nas escolas em que trabalhei.”* E(3) *“Não sei se teria espaço para conversar ais especificamente na aula de educação física sobre isso.”* E (4) *“Eu percebo que não é tão presente eu o q posso te responder dentro do contexto que eu trabalho com alunos até o quinto ano”*

Nota-se uma certa desconsideração quanto a real importância dada as relações de gênero no contexto escolar, onde alguns docentes se parecem se abster de tais assuntos fechando os olhos e desta forma perpetuando as desigualdades. Não dão real importância a qual deveria ser dada, se escondem atrás de visões moralistas, dizem ter dificuldades em perceber a relação de suas aulas e seus conteúdos com o tema e julgam irrelevante quanto a formação educacional.

E(3) *“A questão da família acho que tinha que ser mais presente e ainda a questão de sexualidade, a questão de gênero na escola ainda é um tabu, porque não é falado assim abertamente, você vai falar sobre isso nossa, em outras escolas em que trabalhei tu vai falar sobre isso daqui a pouco o pai vai lá dizer ... Sim mas essa matéria não é sua isso aí ... que que você está falando sobre isso?”*

Sugerem também uma forma mais direta de se trabalhar com os educandos a fim de suprir carências esclarecendo e despertando olhares quanto as desigualdades de gênero. E(5) *“Dentro do contexto escolar a sexualidade acho que ela eu tenho, eu acho não, tenho certeza que ainda ela é deficiente né, essa sexualidade ela deveria ser tratada de uma forma até mais clara com os alunos assim, tem outros eixos que trabalham a sexualidade mas não no sentido de falar a mesma linguagem que eles falam né é uma já é meio arcaica a situação assim, deveria se formar novos temas voltados para isso, novos subitens voltados para a sexualidade e ser trabalhado mais claro, mais objetivo, mais direto.”*

A importância do planejamento é levantado pelos profissionais onde a atenção aos temas relacionados a orientação sexual, gênero e sexualidade devem receber maior atenção durante a sua elaboração.

Orientação sexual é o termo usado para se mencionar a capacidade de cada indivíduo conhecer intensa atração afetiva, emocional ou sexual por pessoas do mesmo sexo, do sexo diferente ou de mais de um sexo, e também como de ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas.

Atualmente são reconhecidos três tipos de orientação sexual, a heterossexualidade, homossexualidade e a bissexualidade.

A orientação sexual diz respeito ao comportamento humano, fruto de interações complexas entre fatores biológicos, psicológicos e socioculturais. E é composta por três dimensões: comportamento e identidade ou desejo, conduta. Estas três dimensões não são necessariamente convergentes, de modo que nem sempre seguem numa mesma direção.

Ao tentarmos buscar formas de elucidar questionamentos levantados pelos alunos durante as aulas ou até mesmo através de problematizações que surgem durante a realização das mesmas os professores devem assumir o papel de mediadores.

Ao lidar com questões de desrespeito/preconceito e desigualdade relacionados a gênero e sexualidade durante as aulas, os professores se declaram mal preparados, em

suas próprias palavras “de mãos atadas” pois se encontram, por não ter formação específica, enraizados em seus próprios conceitos de mundo e de família e de forma geral sobre as questões aqui expostas. E(5) *“Eu vejo que ele o professor de sala de aula, ele não está preparado para este tipo de público.”*

Os professores relatam que quando ocorrem casos de desrespeito e desigualdade em suas aulas referente a gênero eles buscam parar e conversar, em sua maioria de forma a primeira atitude é repreender conforme E(2) *“Eu geralmente repreendo, não acho certo, não incentivo, não deixo passar quando percebo isso na hora vou lá e repreendo ao aluno que fez este tipo de agressão.”*

Apesar de parecerem saber o caminho a ser seguido quanto ao esclarecimento, nota-se que a falta de fundamentação adequada os leva a uma abordagem através do senso comum o que não foge muito da atitude do indivíduo o qual foi discriminatório. Os entrevistados notam sua deficiência na formação e que são sujeitos do senso comum onde devido à falta de formação acabam fazendo aquilo que acham correto, mas é claro que no “achismo” as mudanças são mínimas, quando não são ineficazes ou ainda pior dificultam e aumentam a desigualdade através da reprodução das mesmas através do silêncio, da opressão a tal tema ou através de falas que reforçam as desigualdades e o preconceito. E(1) *“A minha liberdade de opção sexual e a opção do aluno vai até aonde não ofenda o outro a partir deste momento ele tem a opção que ele quiser e o respeito dos colegas com relação a gênero é necessário”* E(5) *“Assim como as crianças das inclusões, dos especiais eles tem o mesmo trato.”*

Mareli Graupe e Lúcia Souza (2015) descrevem que mais do que rever currículos e práticas pedagógicas, a escola precisa retroagir, na questão de ausência de discurso sobre sexualidade e equidade de gênero, como também de discursos preconceituosos e indiferenças ao tema.”

Na fala de E(3) tal abordagem fica visível onde: E(3) *“Nas aulas quando acontece, surgem algumas situações relacionadas a sexualidade a respeito da questão o q eu procuro fazer é parar, conversar ver o q eles entendem ... O que a gente percebe é que as vezes isso agride de alguma forma eles, mas é fruto do que eles vivem em casa, eles assistem na TV, também não digo que esteja certo, porque acho que tem de ter respeito na minha opinião o casal é o homem e a mulher, quero dizer que é na minha opinião, não quer dizer que eu não vá aceitar um casal que seja dois homens ou duas mulheres a questão de igualdade de gênero é opção de cada um né.”*

Tânia Welter (2015) declara que apesar de terem legislações tanto gerais quanto específicas, orientações e formações, o que se vê em escolas brasileiras, é o uso de pedagogias excludentes tanto por parte dos estudantes quanto por parte de docentes diante de expressões de gênero, sexuais ou religiosas não normativas.

Nota-se um esforço em se desvencilhar do “senso comum” porém ao final da fala os professores acabam expondo seu pensamento o que não deve se diferenciar muito de sua abordagem junto aos educandos. Novamente acredita-se que devido a deficiências de tais abordagens nas formações acadêmicas acabam “de mãos atadas” pois os mesmos também não conseguem por muitas vezes se desvincular de seu contexto histórico e cultural os quais não fornecem conhecimento suficiente para uma abordagem construtiva em busca do respeito mútuo.

E(5) *“Precisa amadurecer bastante esta ideia, ter fontes de estudo voltadas para isto, para trazer para a questão, sair do senso comum para a questão real da coisa para o denotativo mesmo para que se possa se basear e você tirar suas conclusões por que hoje as conclusões que a gente tira seriam conclusões pessoais de cada um sem estudo voltados para isso ainda se caminha a passos curtos ... eu me vejo meio despreparado para este público.”*

5.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ATIVIDADES SEPARADAS POR SEXO

Nota-se nos aspectos positivos um maior vínculo com a Educação Física Escolar com os objetivos educacionais no que se refere ao respeito a diversidade onde o caráter educacional se sobressai quanto a performance a qual é apontada como um aspecto negativo sendo que a mesma acaba por excluir alguns de seus participantes.

Maria do Carmo Saraiva (2005) posiciona-se a favor da coeducação em relação a Educação Física Escolar a qual segundo a autora contribui com seus princípios norteadores como por exemplo, favorecedora de praticas e atividades conjuntas entre meninos e meninas a qual possibilita outros significados à modalidades que são caracterizadas por princípios como o rendimento e a competição, a autora ainda ressalta a importância do papel do professor o qual deve dar tratamento igual a meninos e meninas, fazendo a mesma exigência para ambos, aproveitando-se de situações ocorridas no decorrer da aula de forma problematizadora.

Da mesma forma que a separação colabora na manutenção de um ambiente pacífico e tranquilo, com menos interrupções e intervenções contribui quanto a uma certo conformismo e na construção de identidades conformistas em relação a simetria de gênero na Educação Física Escolar.

Corsino e Auad (2012) enfatizam que para que seja possível a construção de uma Educação Física Escolar Coeducativa, existe a necessidade de se repensar o próprio entendimento de Educação Física e seus objetivos no ambiente escolar, assim como entender o corpo, como uma construção cultural, constituído, também, pelas relações de gênero.

Se apenas misturar, como é o caso da “escola mista” não é a solução por completo talvez através da reflexão sobre papéis historicamente estabelecidos e estereótipos muitas vezes reforçados pela mídia venham a desconstruir tais padrões.

Andrade (2008) destaca que a mídia pode produzir pedagogias culturais, que têm como principal objetivo agir sobre determinadas representações de corpo veiculadas no dia a dia das pessoas exercidas a partir de diferentes instâncias de socialização, que ensinam como as pessoas devem agir.

Todos os entrevistados relataram trabalhar com turmas mistas e em se tratando da formação de grupos pelos próprios alunos buscando dar relevância as relações de gênero, constatou-se que apesar das turmas serem mistas o processo de coeducação se depara com barreiras diversas. De acordo com E(1) *“...a questão da formação dos grupos elas ocorrem o grupo de sala de aula é o grupo que quer desenvolver a pratica do esporte na quadra. Não vejo este problema ser sexualidade quanto a formação dos grupos, a questão da formação dos grupos é muito mais na questão de rendimento eu quero os melhores seja menino ou menina se for o melhor naquela modalidade ele é o preferido ela é a preferida.”*

Ao considerar a problemática das relações de gênero na Educação Física Escolar, compreende-se que o processo de hierarquização acerca do masculino e do feminino estão presentes nas aulas de Educação Física, e se estabelecem a partir das relações de poder presentes nesse ambiente; estas hierarquizações permeiam diferentes momentos das aulas como as formas de organização e o tratamento dos conteúdos, considerando-se, sobretudo, as relações entre alunos e alunas e professores(as) e alunos(as) (AUAD; CORSINO, 2012:21)

Devemos sim analisar com muita atenção os conteúdos das aulas de educação física, pois de acordo com Daniela Auad e Luciano Corsino (2012, p. 13), “...a maneira como professoras e professores misturam e ou separam alunas e alunos e, por conseguinte as resistências e conflitos em meio a desigualdade desse cotidiano”.

Buscando formas de preenchimento desta lacuna existente quanto a igualdade de gênero, julga-se necessário certas reformulações não só quanto a formação acadêmica, mas também uma reflexão contínua dentro e fora de sala de aula em busca de superação de um certo discurso moralista advindos dos mais diversos ambientes entre eles o meio social, a família e reforçados pela escola.

Para Luz Junior (2003, p.50) apud Pierre Bourdieu (1995), o corpo é constituído pelo mundo social por meio de um trabalho de formação permanente. O gênero precisa de corpo, tanto masculino quanto feminino, sendo o aspecto sociocultural o produtor desses corpos.

E (1) *“A relação de gênero dentro da educação física sempre foi um problema isso é histórico, a um tempo atrás havia um professor para as meninas e um para os meninos hoje a participação no grupo da Educação Física ainda é muito fechado menina prefere jogar com menina e menino prefere jogar com menino”*

Quanto as aulas de Educação Física especificamente buscou-se tratar a respeito dos conteúdos os quais as pessoas entrevistadas trabalhavam bem como as relações de participação de meninos e meninas das mesmas.

Buscando tecer um vínculo entre os conteúdos da Educação Física escolar e a participação de meninos e meninas quanto a abordagem dos mesmos relatou-se que, quando os mesmos são propostos de forma organizada e planejada independente do sexo, eles possibilitam a participação de todos de forma igualitária apesar de existir resistência na maioria dos casos por parte dos meninos quanto a participação e a aceitação de alguns colegas nas atividades em sua maioria quanto a participação das meninas.

Todos os entrevistados relatam ser desnecessário planejar atividades diferenciadas para os diferentes sexos, onde todos devem participar das atividades propostas sem discriminação e de forma global.

Os diversos conteúdos da Educação Física possibilitam uma grande variedade de vivências onde estes devem ser tratados de forma harmoniosa e ampla, sendo que de

acordo com Corsino e Auad (2012) se deve tratar atividades cujas características possibilitem um equilíbrio entre meninos e meninas.

Entre os conteúdos relatados pelos professores foram citados em sua maioria o esporte, principalmente o futebol, vôlei, basquete, handebol além do atletismo e xadrez. Relatou-se também os jogos, as brincadeiras, atividades psicomotoras, lúdicas e recreativas.

Sendo o esporte um conteúdo descrito por todos os entrevistados como uma das principais abordagens desta disciplina acredita-se ser necessário referencia-lo já que este é se não o principal, pelo menos um dos mais importantes conteúdos da Educação Física a ser abordado nas escolas. Se lê nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) uma definição de esporte a qual se segue:

As práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a atuação amadora e a profissional. Envolvem condições espaciais e de equipamentos sofisticados como campos, piscinas, bicicletas, pistas, ringues, ginásios, etc. A divulgação pela mídia favorece a sua apreciação por um diverso contingente de grupos sociais e culturais. Por exemplo, os Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo de Futebol ou determinadas lutas de boxe profissional são vistos e discutidos por um grande número de apreciadores e torcedores. (PCN,1997 p. 32)

Nota-se que este conteúdo devido a seus variados temas bem como a flexibilidade destes temas (modalidades) podem assumir os mais diferentes abordagens entre elas abordar as mais diferentes modalidades esportivas em forma de brincadeira, jogo, luta de forma recreativa, dinâmica ou de lazer.

Entre as práticas corporais sugeridas nos PCNs (1997) encontra-se o esporte, as lutas, a dança e a ginástica. Entre eles dar-se a destaque neste texto ao conteúdo esporte e as atividades rítmicas pois acredita-se existir sobre estes conteúdos uma série de posicionamentos os quais rotulam e delimitam suas práticas.

Em relação as práticas corporais vivenciadas durante as aulas em relação a preferência dos conteúdos e a relação de gênero o discurso dos entrevistados é muito parecido onde relatam uma participação mais efetiva até o 5º ano do Ensino Fundamental após isso começa a ser mais evidente uma certa dificuldade em socializar-se durante a prática de alguns conteúdos.

A educação infantil parece ser o nível de menor resistência a desigualdades referentes a gênero onde os professores relataram que até o 4º, 5º ano do ensino

fundamental não é tão visível situações de desigualdade ou de domínio por um sexo determinado. Porém já na pergunta seguinte o E(4) relata *“Até o 3º ano por ai eu vejo que é homogêneo, não a tantos incentivos da parte deles para que haja esta separação, esta distinção, agora quando pegamos turmas de 4º, 5º ano ai eles são um pouco maiores, já percebo que há uma interação maior entre os meninos com os meninos e que a uma interação maior das meninas com as meninas em determinados momentos eles interagem entre os grupos.”* E(3) conclui *“eu vejo uma diferença até no ensino fundamental 1 até o 5º ano a participação entre eles é melhor do que é entre o 6º e o 9º ano.”*

E (3) continua *“Acho que em todas as séries existem separações, mas acredito que isto seja normal, em função de amizade de afinidade entre eles. Até o 5º ano não vejo assim muita diferença entre isso, agora, do 6º ao 9º a diferença já é maior até em função da fase que eles estão passando da pré-adolescência, adolescência, o olhar deles já começa a ser diferente.”*

“[...] que as crianças não somente aprendem essas diferenças “ensinadas”, mas lidam com elas de forma que, em alguns momentos, as legitimam e em outros as subvertem. Como destaca Corsaro (2009, p. 35): “Assim, expectativas de gênero não são simplesmente inculcadas nas crianças pelos adultos, mas são socialmente construídas pelas crianças nas interações com adultos e entre si”. (SIMÃO, 2013, p.11)

E (1) *“Os meninos continuam naquela visão celetista eu quero os melhores para formar o melhor time para vencer as meninas nas partes delas formam seus times jogam mais não têm aquele interesse competitivo tão dos meninos então de um determinado ângulo se você considerar, com as meninas é mais fácil de desenvolver um trabalho de inclusão social porque elas não tem aquele exigência de vencer a qualquer custo como os meninos elas são menos competitivas em alguns casos isso facilita o processo de inclusão tanto de meninos junto ao grupo das meninas se torna mais fácil de incorpora-los ao trabalho didático pedagógico das práticas corporais da educação física.”*

Historicamente a dança e o esporte são tratados de forma diferenciada e servem diretamente como modelo em se tratando da disparidade retratada e perpetuada nas aulas de Educação Física Escolar refletindo diretamente como formadores de estereótipos.

E(3) falou “(...)existem algumas disciplinas que também tem diferença por exemplo de primeiro a 5º ano a maioria das atividades planejadas seja, dança, ginástica atividade rítmica todos participam, do 6º ao 9º ano é os meninos já têm uma resistência para trabalhar principalmente dança.

Tal fala é reforçada por diferentes docentes onde relatam que nas séries iniciais do ensino fundamental a participação é mais efetiva e diversa independente do conteúdo abordado mas em se tratando do 5º ou 6º ano em diante tais separações, escolhas e resistências são maiores. Como se pode ver reforçado por E(4) onde comenta “*Questões de gênero nesta faixa etária que nós estamos falando até o 5º ano, à momentos em que eles procuram separar, as vezes uma atividade que exige um pouco mais de contato físico ou até a questão cultural do esporte mesmo a uma atividade, um próprio jogo de voleibol um jogo de futsal eles, por uma questão, eu vejo cultural, acabam se separando e distinguindo estes grupos.*”

De acordo com E(5) “*Com certeza vejo esta separação naquele momento em que têm que se interagir numa questão de dar as mãos por exemplo, ainda têm este bloqueio, dar as mãos, um abraço ou interagir entre eles*”

Necessário se faz realizar análises, estudos conscienciais sobre vivências escolares e práticas pedagógicas por vezes cristalizadas e estagnadas as quais grande parte das vezes não são funcionais.

De acordo com os PCNs de 1997 ao tratar dos conteúdos da Educação Física no Ensino Fundamental se pode visualizar um fortalecimento quanto as questões de estereótipos vivenciados na Educação Física escolar e seus conteúdos, aonde o texto fortalece estes estereótipos e desigualdades existentes quanto a participação ou não de meninos e meninas quando disponibilizados frente aos conteúdos da Educação Física escolar, mais especificamente no texto a prática de esportes (exemplo futebol) e a prática de Atividades Rítmicas (exemplo danças).

Os PCNs (1997, P. 37 – 38) ao definir o esporte, exemplifica-se aqui o futebol como tema ser abordado no conteúdo “Esporte” na Educação Física escolar assim como possibilitador de abordagens a partir do conteúdo “Jogo” e “Luta” conteúdos também da Educação Física, busca-se desta forma a seguinte citação:

Uma prática pode ser vivida ou classificada em função do contexto em que ocorre e das intenções de seus praticantes. Por exemplo, o futebol pode ser praticado como um esporte, de forma competitiva, considerando as regras oficiais que são estabelecidas internacionalmente (que 38 incluem as dimensões do campo, o

número de participantes, o diâmetro e peso da bola, entre outros aspectos), com plateia, técnicos e árbitros. Pode ser considerado um jogo, quando ocorre na praia, ao final da tarde, com times compostos na hora, sem árbitro, nem torcida, com fins puramente recreativos. Pode ser vivido também como uma luta, quando os times são compostos por meninos de ruas vizinhas e rivais, ou numa final de campeonato, por exemplo, entre times cuja rivalidade é histórica. Em muitos casos, esses aspectos podem estar presentes simultaneamente (BRASIL, 1997, p. 37).

Nesta citação anterior se pode notar a referência aos meninos quando se trata o tema futebol dentro do conteúdo “Lutas”, ou seja “...quando os times são compostos por meninos de ruas vizinhas e rivais, ou numa final de campeonato, por exemplo, entre times cuja rivalidade é histórica.” (PCN, 1997, p. 37). E ao tratar das Atividades Rítmicas e Expressivas como conteúdo da Educação Física Escolar observa-se em seu texto a referência as meninas:

As lengalengas são geralmente conhecidas das meninas de todas as regiões do país. Caracterizam-se por combinar gestos simples, ritmados e expressivos que acompanham uma música canônica. As brincadeiras de roda e as cirandas também são uma boa fonte para atividades rítmicas. (PCN, 1997, p.37).

Porém, segundo os (PCN, 1997, p. 54) se lê: “valorização das danças como expressões da cultura, sem discriminações por razões culturais, sociais ou de gênero” em se tratando do segundo ciclo em referência a prática do conteúdo “esporte” os PCNs ressaltam “As crianças geralmente estão muito motivadas pelo esportes porque os conhecem por meio da mídia e pelo convívio com crianças mais velhas e adultos. Por isso, os jogos pré-desportivos e os esportes coletivos e individuais podem predominar nesse ciclo.” Sendo desta forma questões históricas e culturais podem reforçar estereótipos construídos historicamente os quais são reforçados pela família, pela sociedade e pelo meio televisivo os quais são formadoras do indivíduo o qual este em contínua construção.

Porém ao questionar os entrevistados quanto as preferências ou não de seus educandos por essa ou aquela atividade em específico se pode notar alguma forma de escolha relacionada ao gênero, os(as) professores (as) relataram que sim existe preferência de escolhas por parte do meninos e existe uma preferência nas escolhas por parte das meninas.

E(1) *“Não com tanta intensidade quanto antes mas ainda a uma prevalência do voleibol para as meninas e o futsal para os meninos embora isso não seja uma constante e esteja mudando”*. E (2) *“... os meninos têm preferência por atividade de bola e atividades de lutas e as meninas já têm um pouco mais de receio não todas mas a maioria têm um pouco de receio neste tipo de atividade.”* E(3) *“Entre os meninos a atividade que eles mais tem interesse pelo menos nas turmas que eu trabalho é o esporte, o futebol e o basquete”* E (4) *“É marcante a preferência dos meninos quando o assunto é futebol quando o assunto é futsal até mesmo atividade de corrida algum conteúdo relacionado ao atletismo fica mais acentuada. Essa questão até de competição de demonstra que é o mais forte e as meninas, uma preferência até uma questão cultural interferindo o voleibol atividade que elas pensam que é mais da cultura delas.”* E (5) *“O futebol ainda prevalece pelo estigma que a gente tem no Brasil, por ser taxado do país do futebol então ele ainda tem este pré-julgamento que o menino tem que jogar futebol já vem de casa, uma cultura familiar, o pai quer que o menino jogue o futebol e a menina jogue o vôlei por exemplo né então ainda creio que exista essa tendência ainda pelo futebol mais por uma questão cultural nossa do Brasil assim né então a preferencia dos meninos seria o futebol e das meninas o vôlei ou handebol.”*

A democratização do esporte é uma importante ferramenta em se tratando de superar as desigualdades de gênero, não existe esporte para as meninas ou esporte para os meninos a igualdade é para todos assim como o acesso aos mesmos deve existir de forma igualitária dentro e fora do ambiente escolar. Tudo que for contrário a isso e que restrinja ou desestime a prática esportiva com diferenciações de gênero afasta e separa do que realmente é uma democracia, se deve sim desestimular a diferenciação da prática esportiva que diferencie as pessoas.

Essa imagem do esporte continua afastando as mulheres de sua prática. Se freqüentarmos quadras esportivas em algum parque num final de semana, provavelmente encontraremos um número significativamente maior de homens do que de mulheres jogando. Também nas escolas as quadras esportivas são normalmente ocupadas por meninos durante o recreio e horários livres, o que, até certo ponto, demonstra que eles dominam esse universo (ALTMANN, 1999, p.8).

Desta forma ao se analisar a pratica, vivencias e dominância do espaço de lazer da escola (quadra, pátio, campo, área coberta...) nas horas de intervalo (recreio, hora de

entrada e saída) buscando saber se existe igualdade para todos se pode observar que as relações se dão de forma desigual.

E (1) *“A sim, a sempre um predomínio do menino”* E(3) *“Geralmente os meninos tem mais poder para utilizar a quadra.”* E(5) *“Com certeza ainda tem uma dominância do gênero masculino ainda domina mais o espaço sim.”*

Todos os entrevistados concordaram em dizer que a prevalência dos meninos é quase que total e para que as meninas possam usar ou até mesmo compartilhar tais espaços é necessário o controle por parte de um adulto. Um exemplo foi dado pelo E(1) onde existe uma visível desigualdade, onde dois dias de recreio a quadra é destinada as meninas e três dias a quadra é destinada aos meninos.

E (1) *“Exemplo simples este ano agente criou os dias de uso da quadra onde dois dias eram reservados para as meninas e três dias para os meninos os dias que os meninos jogavam as meninas não interferiam nas aulas deles o dia que era das meninas eu tinha que ir lá tirar os meninos da quadra porque eles não queriam ceder, eles não admitiam que aquele espaço fosse das meninas então a essa predominância ainda do sexo masculino de querer dominar os espaços principalmente no esporte.”*

Quanto a relação no Ensino Fundamental u até o 5º ano observa-se que a interação é melhor, porém a partir do 6º ano as relações parecem ficar mais delicadas onde os meninos dominam efetivamente os espaços destinados ao lazer.

Todavia, esse olhar escrutinador não é exercitado somente pelo docente, mas pelos estudantes entre si. Na escola, estudantes estão constantemente vigiando as habilidades, as atitudes, o gênero e a sexualidade dos colegas. Quando, por exemplo, meninos e meninas são vistos juntos, é comum ocorrerem comentários pejorativos ou “gozações” entre outros colegas, como chamando-os de namorados ou questionando sua sexualidade por a atividade ser considerada feminina ou masculina (ALTMANN, 1999, p.11).

E(3) *“Os meninos se impõem pela força a não ser que exista lá cronograma para utilizar as quadras ou uma forma de organizar as atividades mas geralmente quem tem preferência nas atividades se forem prática na hora são os meninos, as meninas vão ficando cada vez mais, mais paradas.”*

Tais desigualdades não se restringem ao gênero mas também refletem quanto a idade, onde os alunos mais velhos se impõem sobre os amis novos não permitindo que os mesmos usem os espaços físicos livres nas horas de intervalo e lazer.

E(5) “*O maior vamos dizer assim ele estipula o espaço que ele quer ocupar a forma que ele quer agir naquele lugar...com certeza a essa discriminação tanto do gênero quanto da idade, não só do gênero mas da idade também*”

Desta forma Helena Altmann (1999) trata a respeito de tais considerações demonstrando que a separação de meninos e meninas nas aulas de educação física desconsideram assim articulações de gênero com outras categorias, a existência de conflitos, exclusões e diferenças entre pessoas do mesmo sexo, além de impossibilitar qualquer forma de relação entre meninos e meninas.

5.4 ROFESSOR/A, MEDIADOR/A - COMO DOCENTES MINISTRAM SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO À DIVERSIDADE DE GÊNERO.

Ao serem questionados/a sobre o que julgavam importante para trabalhar estas relações de forma mais igualitária buscou-se ideias de superação de discursos superficiais.

Corsino, (2012) se refere a possibilidade existente aos professores de proporcionarem situações problematizadoras quanto as questões do corpo e gênero, permitido aos(às) alunos(as) que reflitam sobre os processos históricos que desencadearam determinadas formas de perceber o feminino e o masculino nos diversos temas da Cultura Corporal, abrindo espaço para as resistências estabelecidas por alunas e alunos que sofrem pela desigualdade inseridas e construídas na escola.

As respostas foram unânimes onde a informação, a formação e a qualificação profissional foram os temas mais abordados. Apesar das respostas serem próximas relata-se a seguir a resposta de alguns profissionais entre eles E(1) “*O conhecimento a informação, o aluno ele vem de uma formação social com determinados valores... o conhecimento ele é volátil, ele muda conforme as condições sociais vão mudando conforme o conhecimento vai se alterando então muitas vezes a questão do preconceito com relação a este assunto é muito mais uma questão de valor que já vem embutido no indivíduo desde o berço familiar e isso precisa ser trabalhado deve ser tratado com um novo olhar.*”

Surge aqui através dessa contínua formação dado que o conhecimento é volátil a necessidade do professor assumir o papel de mediador dessas relações tratando de forma

esclarecedora e buscando através do posicionamento e questionamento dessas relações formas de convívio baseado no respeito ao próximo.

E(4) *“Eu considero importante diria até fundamental o professor, o professor ele assumindo esta postura de mediador a gente fala em metodologias de ensino a gente fala em conteúdos ... o professor têm este papel importante de mediar as relações as situações dar direcionamento, mediar conflitos quando necessário e esse papel é o mais importante é fundamental.”*

Através de embasamentos mais aprofundados é possível que docentes organizem-se em busca do aperfeiçoamento, desta forma docentes devem ter a iniciativa de buscar conhecimento a fim de aprimorar sua abordagem escolar concretizando-se em formas de crescimento profissional, visando ações transformadoras da realidade educacional.

O aprimoramento gradativo com olhares críticos não sendo passivo e nem submisso frente as adversidades de sua profissão através da reflexão e da ação em busca de mudanças trazendo desta forma benefícios para discentes no que se refere a suas relações sociais e aprendizado para a vida.

Neste contexto, a falta de conhecimento sobre a questão de gênero por parte de profissionais de educação, ou de profissionais que possuem conhecimento, mas não estão dispostos a mudar sua forma de pensar e agir sobre gênero, identidades de gênero, orientação sexual, acabam contribuindo para que a escola não desenvolva o seu papel de combate a toda e qualquer atitude e comportamento que revele sexismo, machismo, heterossexismo , etc. (GRAUPE; SOUZA, 2015, p. 111)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 definiu os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) que passaram a dar destaque à transversalidade na prática educativa como um relacionamento entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados, aprender sobre as questões da vida real e de suas mudanças, suas transformações.

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e da realidade). E a uma forma de sistematizar esse trabalho e incluí-lo explícita e estruturalmente na organização curricular, garantindo sua continuidade e aprofundamento ao longo da escolaridade. (PCN, 1998, p. 30)

Não se trata de trabalhar paralelamente os conhecimentos teoricamente sistematizados, mas trazer estes conteúdos para o debate e reflexão. Nos PCNs são sugeridos alguns temas presentes no dia a dia da sociedade em geral como: Meio Ambiente, Saúde, Ética, Trabalho e Consumo, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural. Em se tratando do tema “orientação sexual”, possibilita-se a abordagem direta de questões aqui propostas a fim de desconstruir preconceitos e estereótipos relacionados ao papel social baseado no sexo biológico, sendo relações de Gênero conteúdo a ser tratado nessa abordagem de temas transversais.

A desnaturalização das desigualdades exige um olhar transdisciplinar, que, em vez de colocar cada segmento em uma divisão isolada, convoca as diferentes ciências, disciplinas e saberes para compreender as correlações entre esses modos de discriminação. É também construir formas igualmente transdisciplinares de enfrenta-las e de promover a equidade. (GDE, 2015, p. 55).

Luz Junior (2003, p.54) relata que a escola pós-moderna lida e muito criticada atualmente no Brasil chega ao campo de gênero por estudos literários que preferem o termo pós-estruturalismo pois este fala da desconstrução de categorias ocidentais de pensamento.

Ao se referir a “desconstrução” dessa rígida polaridade entre feminino/masculino necessário se faz observar que os dois ao mesmo tempo que diferem se completam.

Na busca pela superação dessa sociedade machista onde as desigualdades de gênero, a discriminação e o preconceito sejam desconstruídos a fim de uma sociedade mais justa e igualitária surgem possíveis soluções sugeridas pelos entrevistados entre elas a formação do profissional, da família e da escola em conjunto a fim de desconstruir paradigmas moralistas historicamente adquiridos.

Nos PCN é possível constatar certa preocupação por parte do governo com essa políticas públicas na tentativa de desconstrução de comportamentos entre os sexos e possibilitam as desigualdades e diferenças entre masculino e feminino. O grande desafio das política Públicas através de seus programas é o de estar junto a política pedagógica no combate a qualquer violência (GRAUPE; SOUZA, 2015, p. 83).

Devem-se distinguir os desejos, condutas e comportamentos sexuais das identidades sexuais. Ao se tratar de identidade sexual, refere-se a forma como a pessoa

se percebe em termos de orientação sexual (homossexual, heterossexual, bissexual), e a maneira como ela torna pública, ou não, essa percepção de si em determinados ambientes ou situações.

E(5) “*A formulação de aulas voltadas para que isso acontecesse, muitas vezes as aulas não são voltadas para isso então agente falta opções para que isso aconteça, a própria aula ela tem esse potencial para que isso aconteça mas tem que se formular aulas voltadas para isso.*”

E(3) “*Ter um planejamento, ter uma proposta de ensino, que o projeto político pedagógico da escola é uma coisa muito importante, porque entra o planejamento do professor a proposta da escola dentro dessa proposta vai ter a visão do professor, da direção, da comunidade e eles virem para a escola dai eu acredito que minimize.*” E continua “*Para ter essa equidade acho que tem que ter é investir nessa educação, mais especificamente na escola é a construção desse projeto político pedagógico.*”

E(4) “*Em muitas situações, muitos momentos dentro dos diferentes conteúdos das diferentes metodologias vai passar por isso é a visão que ele têm de mundo essa, esse histórico que ele traz, é a visão que ele têm do próximo, a visão que ele têm, a visão que o menino têm da menina, a visão que a menina têm do menino nas suas relações e tal, então isso vai se construindo também dentro do espaço da aula, dai cabe eu já falei ao professor a escola em si também estar trabalhando este obstáculo para mim pode ser um dos maiores né como outros também.*”

Sendo seres históricos os quais interagem socialmente e são construídos através de suas relações cabe o pensamento crítico, a busca por aperfeiçoamentos, o embasamento em pesquisas e referenciais teóricos coerentes com o mundo atual para que não se reflita de forma incoerente através de discursos moralistas embasados somente em experiências próprias e sim se liberte e liberte os demais a fim de superar amarras sociais historicamente reproduzidas.

A escola precisa gerar reflexões que conduzam para superação do papel de traslado dos quesitos sociais atuais e da adaptação do jovem no meio qual está inserido. As relações em contexto escolar são formas importantes de convívio para a sociabilidade e construção de cidadãos plenos de direitos e deveres, capazes de participação ativa e criticamente para mudanças significativas na escola e sociedade (GRAUPE; SOUZA, 2015, p. 102).

Sendo citado pelos professores os aspectos culturais advindos do meio social que moldam a família construídos historicamente, e a escola um meio de fortalecimento um

reprodutora dessas concepções de corpo, de sexualidade e de gênero, veem nela, a própria escola o local no qual estas questões deveriam encontrar e buscar espaço para tais levantamentos.

E (4) *“Olha os obstáculos, acho que é uma questão cultural muito forte porque a gente não pode esquecer que a escola também é um espaço que faz parte de uma cultura maior também de uma sociedade esse aluno traz para dentro da escola toda essa vivência que ele tem, essa experiência, essa formação de casa das suas relações”*

Apesar de até aqui tratarmos sobre o contexto do espaço da aula, sabe-se que não é somente a sala de aula e as aulas que se deve estar atento a estas questões em ambiente escolar mas sim em todo o campo o qual engloba o espaço escolar. Ainda em se tratando das relações estabelecidas entre os educandos e a visão dos profissionais buscou-se investigar quais as relações estabelecidas nos horários de intervalo, onde os alunos estão em ambiente escolar, estão se relacionando com diferentes contextos e com a diversidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trata a respeito das desigualdades de gênero existentes no meio escolar com ênfase nas aulas de Educação Física tendo como objetivo analisar as formas quais os conceitos que docentes de Educação Física Escolar têm a respeito de gênero e sexualidade, como as mesmas percebem e trabalham questões de gênero durante as suas aulas de Educação Física além de destacar se, como e porque separam ou misturam meninas e meninos em suas aulas buscando demonstrar como as aulas de Educação Física podem reforçar as diferenças hierarquizadas entre o feminino e o masculino existentes em nossa sociedade.

Faz-se necessário desta forma observar qual a visão os professores de educação física escolar têm em se tratar tal tema durante as aulas em questão e analisar se existe um distanciamento entre teoria e prática e quais os obstáculos a serem superados.

Surge aqui a problematização da pesquisa onde sendo gênero uma construção histórica e social quando relaciona-se ao campo da Educação Física Escolar depara-se com os aspectos biológicos os quais se sobressaem no seu cotidiano, sem questionar também as “verdades” da ciências naturais e conseqüentemente os discursos biologicistas, que também são construídos historicamente. Esta sim é uma tarefa árdua e cabe aqui a difícil busca por desconstruir na esperança de reconstruir conceitos dado que esta sim é uma tarefa minimamente desafiadora.

Entre os principais resultados obtidos se pode dizer que apesar das aulas serem desenvolvidas de forma mista ainda existe muito caminho a ser percorrido até que se chegue a uma Educação Física realmente igualitária. A reprodução de estereótipos é reforçada pela educação Física escolar, onde os professores estão cientes das deficiências em sua formação acadêmica e da necessidade de cursos de qualificação que tratem do tema gênero e sexualidade para que possam realmente sair do senso comum e melhor se embasar para uma abordagem realmente inclusiva e igualitária no que tange as questões de gênero. Concluiu-se também que apesar do esforço por parte das profissionais em se conceituar gênero e sexualidade, as mesmas se encontram enraizadas histórico e culturalmente em amarras familiares, religiosas e sociais as quais favorecem a perpetuação das desigualdade de gênero dentro e fora do ambiente escolar

Apesar dos profissionais terem visão de que a escola é o espaço adequado para se tratar de questões de gênero, ainda se sentem amarrados a conceitos e discursos morais advindos do contexto cultural e histórico advindos de seu meio social, sentem que a escola também é fruto deste contexto e deve buscar formas de capacitar seus profissionais a fim de buscar romper essas barreiras de desigualdade as quais são construídas através dos anos escolares.

Deve-se sim reconhecer os instrumentos usados para vincular tais desigualdades e problematiza-los quando em ambiente escolar em suas próprias aulas em situações que surjam durante as mesmas e possibilitem que tal tema seja abordado.

Materiais didáticos devem ser observados a fim de não reproduzir estereótipos heteronormativos. Interessante se faz a organização e o planejamento de aulas que estejam intimamente ligados ao tema gênero de forma transdisciplinar e não esperar que o aluno venha até o proponente da aula e o questione a respeito, pois existem barreiras as quais impedem e oprimem o educando para tal atitude.

Cursos de formação a serem desenvolvidos de forma conjunta entre professores, escola e sociedade seria uma das soluções onde se tentaria esclarecer a importância de se respeitar a diversidade.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; SOUZA, Eustáquia Salvadora. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação de corpos femininos. **In:**

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 1979.

BENTO, Berenice. Na Escola Se Aprende Que A Diferença Faz A Diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016/19404> Acesso em: 21 jun. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 96p.

BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC: Ed. 34, 2002.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau Aluno, Boa Aluna? Como As Professoras Avaliam Meninos E Meninas. **Revista Estudos Feministas** - 2/2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8640.pdf> Acesso em: 21 jun. 2016.

Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade. v.3 / Organizadores: Carrara, Sérgio...[et al]. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília, DF: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

_____. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 185-193, jan./jun. 2003. Disponível em: https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/65875/mod_resource/content/1/a13v29n1.pdf Acesso em: 21 jun. 2016.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n1/a11v17n1> Acesso em: 21 jun. 2016.

DORNELLES, Priscila Gomes. Marcas de Gênero na Educação Física Escolar: A separação de Meninos e Meninas em Foco. **Motrivivência**, Ano XXIII, Nº 37, P. 12-29 Dez./2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2011v23n37p12/21752> Acesso em: 21 jun. 2016.

FINCO, Daniela F. Relações De Gênero Nas Brincadeiras De Meninos E Meninas Na Educação Infantil. **Pro-Posições**. v. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863>
Acesso em: 21 jun. 2016.

GROSSI, Mirian Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; LOZANO, Marie-Anne, MAGRINI, Pedro Rosas (org.). **Livro 1 – Módulo I** – Introdução à tecnologia do Ensino a distância; Diversidades, diferenças e interculturalidade, Gênero, um conceito importante para conhecimento de um mundo social. Florianópolis: UFSC, 2015.

GROSSI, Mirian Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (org.). **Livro 2 – Módulo II** – Gênero, diversidade sexual e religião; As diferenças de gênero em espaço escolar. Florianópolis: UFSC, 2015.

LANES, Dário Vinícius Ceccon. A Recreação como ferramenta metodológica para abordar sexualidade e gênero na educação infantil. **Experiências em Ensino de Ciências**, V.8, Nº2 2013. Disponível em http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID215/v8_n2_a2013.pdf acesso em 26/06/2016

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008b.

LUZ JUNIOR, Agripino Alves. Educação Física e Gênero: olhares em cena – São Luiz: Imprensa Universitária/UFMA/CORSUP, 2003, 160pg.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, NHD. Recomeçar: família, filhos e desafios [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

RICHARDSON, R. J. (coord.). **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos Cruzados: Educação E Gênero Na Produção Acadêmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 47-68, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27853/29625>. Acesso em: 21 jun. 2016.

SALA, Arianna; GROSSI, Miriam Pillar. Batendo um “papo sério”: desconstruindo gênero e sexo nas escolas de Santa Catarina. In: **Anais do III Seminário Enlaçando Sexualidades**. Salvador: EdUNEB, 2013. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Batendo-um-papo->

[s%C3%A9rio-desconstruindo-g%C3%AAnero-e-sexo-nas-escolas-de-Santa-Catarina.pdf](#) Acesso em: 21 jun. 2016.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Coeducação Física e Esportes**: quando a diferença é mito. 2. Ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SCOTT, Joan. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Tradução. Élvio A. Funck. Apresentação. Miriam P. Grossi. 2002

SILVA, Mário Moreno Rabelo e CRUZ, Maria Nazaré da. **Gênero e o Corpo na Infância: Uma análise da incorporação de gênero nas práticas corporais da educação infantil**. ET: Educação Popular, diversidade cultural e construção de saberes / Nº 03 Agência Financiadora: CAPES. Disponível em <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/413-1384-1-PB.pdf> acesso em 26/06/2016

SIMÃO, Márcia Buss **????/**

STOLKE, Verena. O Enigma das Interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Revista Estudos Feministas**, Vol.14.1 – Florianópolis Jan./Apr. 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: atlas, 1987.

VAZ, Alexandre Fernandez. Aprender a produzir e mediar conhecimentos: um olhar sobre a prática de ensino de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XV, n. 13, p. 11-34, nov. 1999.

WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria. **Gênero: um conceito importante para o conhecimento do mundo social**. Florianópolis: UFSC, 2015.

ZÚÑIGA, Jean-Paul. “La Voix du Sang. Du métis à l’idée de métissag e en Amé- rique espag nole”. **Annales**. Histoire, Sciences Sociales, v. 54, n. 2, p. 425-452, mars-avril 1999.

ANEXOS

I. TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____

RG _____ residente _____

_____ abaixo assinadx, fui informadx e convidadx a participar da pesquisa: **QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EDUCAÇÃO FÍSICA UM ESPAÇO DE RELAÇÕES**, realizada pelo aluno do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola Leandro Madalosso Wielecosseles cujo objetivo analisar as percepções que professores e professoras de Educação Física Escolar têm frente as desigualdades de gênero durante as aulas de Educação Física Escolar e em ambiente escolar.

Foi-me garantido que tudo que eu responder será confidencial e que meu nome será mantido em sigilo.

Fui informadx que não estarei correndo risco decorrente de estar participando da referida pesquisa. Também fui informadx que tenho o direito de não responder a qualquer pergunta que não deseje e que em qualquer momento, posso desistir de participar da pesquisa, sem que isto me traga qualquer tipo de prejuízo.

Para qualquer esclarecimento, poderei entrar em contato com a Prof.^a Orientadora Msc. Julia Mara Pegoraro Silvestrin pelo telefone (48) 3721-6440 ou com o pesquisador Leandro Madalosso Wielecosseles no telefone (49) 9974-1730.

Lages, 21 de Outubro de 2016.

Assinatura dx participante ou impressão digital: _____

Assinatura do pesquisador: _____

II. ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

1. Qual a sua idade?
2. Qual a sua formação? Tem pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado)? Em que área/curso?
3. Em que ano concluiu sua graduação? E há quanto tempo você atua como professor/professora de Educação Física escolar?
4. Quais são os conteúdos que você trabalha em suas aulas (jogos/brincadeiras; esportes; dança...)? Como é a participação dos meninos? E das meninas?
5. Como você vê a relação entre meninos e meninas na educação física escolar? E entre meninos-meninos? E entre meninas -meninas?
6. Suas aulas são mistas? Se sim, você percebe a formação de grupos separados por sexo? Em que momentos/situações/atividades? E nessa separação por sexo, você observa questões relacionadas a sexualidade (orientação sexual)?
7. Existe proposta de atividades distintas para meninos e meninas? Quais?
8. Você percebe a preferéncia dos meninos por alguma atividade específica? E das meninas?
9. O que você entende por gênero?
10. O que você entende por sexualidade?
11. Seus alunos/suas alunas falam com você sobre questões relacionadas a sexualidade?
12. Como você percebe questões relacionadas a sexualidade dentro do contexto escolar?
13. Como você lida com questões de desrespeito/preconceito (relacionados a gênero e sexualidade) e desigualdade de gênero durante suas aulas?
14. O que você considera importante para trabalhar estas relações de forma mais igualitária?
15. Quais os obstáculos existentes para que haja equidade entre meninos e meninas na educação física escolar?
16. Quanto a prática, vivências e dominância do espaço de lazer da escola (quadra, pátio, campo, área coberta....) nas horas de intervalo (recreio, hora de entrada e saída) você acredita existir igualdade para todos? Nas horas de intervalo (recreio) você nota alguma desigualdade quanto aos espaços destinados ao lazer?

17. Gostaria de fazer mais alguma consideração sobre essas questões?